

Diário de Lisboa

Numero avulso: 20 CENTAVOS

Administrador e Editor

MANZONI DE SEQUEIRA

Tel.: 3124 e 3125-C. — End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, administração e oficinas

RUA LUZ SORIANO, 48

Impressão: Rua de Mendo, 116

OS redactores do *Diário de Lisboa*, pensando-se de pedir venia ao seu director, inauguraram hoje na sala de trabalho o retrato do sr. dr. Joaquim Manso, amigo querido, tolerantissimo companheiro de trabalho, no qual não sabemos que mais admirar: se a gentileza do espirito elevadissimo, se os dotes do seu coração bondoso, se a integridade do seu nobilissimo caracter.

A nossa manifestação contrariou vivamente o dr. Joaquim Manso, cuja modestia sincera é nele, alem de tantos, mais um titulo de honra. — Mas o nosso director breve se apercebeu que o intuito não só dos redactores, mas de toda a gente que trabalha no *Diário de Lisboa*, foi não apenas o de prestar uma homenagem pessoal a quem tanto a merece, mas, especialmente, o de lhe mostrar que as pessoas ligadas pela intelligencia e pelo coração a este jornal se constituíram numa familia, norteadas pelos principios de isenção moral e de tolerante justiça que nos vem dos conselhos e dos exemplos do nosso director.

O dr. Joaquim Manso, respondendo a um nosso camarada, confessou quanto lhe era grato ver reunidos os seus amigos do jornal á roda, não de um homem, mas de uma pratica jornalística sadia, onde os erros não se podem confundir com intenções perfidas, e onde o trabalho, dentro do maior espirito de liberdade bem compreendida é comum e é alegre.

Com os redactores estiveram tambem nesta manifestação o sr. Pedro Bordalo Pinheiro, representando a gerencia da Renascença Grafica, o sr. Manzoni de Sequeira, administrador do jornal, e o chefe tipografico sr. Miguel Martins.

Quiz o acaso que se encontrasse no jornal, na ocasião, a nossa illustre colaboradora e poetisa distinctissima, sr.ª D. Virginia Vitorino, que se associou á homenagem ao dr. Joaquim Manso, e deixou a nota da sua galanteria nesta solenidade intima de jornalistas.

PASSA na proxima segunda feira mais um ano sobre as cinzas gloriosas dos dois herois que repousam na sala do Capitulo do magestoso Convento da Batalha.

Simbolo augusto das virtudes fortes da Raça, a Patria deve a esses dois soldados anónimos, que consubstanciavam o formidavel esforço do exercito e da armada, algumas horas de gloria e de espirital deslumbramento.

Desfolhamos sobre a sua campa as rosas perfumadas da nossa mais viva saudade.

COMPLETOU hoje dois anos de existencia — somos da mesma idade — o nosso colega *Correio da Manhã*, que na imprensa portugueza dos nossos dias galhardamente mantém as nobres tradições do antecessor que lhe legou o nome. Ao seu illustre director, sr. dr. Anibal Soares, e a quantos, com ele, dão ao *Correio da Manhã* o melhor do seu esforço e do seu talento, apresenta, por tal motivo, o *Diário de Lisboa* o seu cumprimento amigo.

ENCONTRA-SE um pouco melhor dos seus padecimentos, o illustre Chefe do Estado, que já se levantou do leito.

POR se encontrar fora de Lisboa o nosso cronista financeiro não publicamos hoje a costumada cronica, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

UM ANIVERSARIO

O *Diário de Lisboa* conta dois anos de existencia que têm decorrido serenamente, sem que nas suas paginas, se hajam travado os grandes combates que a polemica nacional exige.

Temos procurado ser justos com os homens e verdadeiros na apreciação dos factos.

Errámos algumas vezes?

E' natural, visto que o erro é um companheiro das nossas obras e das nossas ideias.

Confessamos, porém, que nunca o fizemos de má fé.

O nosso empenho foi sempre fazer do *Diário de Lisboa* um jornal estranho a divisões e facciosismos, de sorte que nele coubesse uma exposição franca e desempoeirada de todas as opiniões que em Portugal representam alguma coisa, para ver se assim criavamos um regime de tolerancia que, frequentemente, está no nosso pensamento, mas falta no nossos costumes.

Talvez o nosso intuito não tenha sido bem compreendido por muitas pessoas que desejariam ver-nos assumir uma attitude combativa mais agreste, como se um português não pudesse cumprir os seus deveres patrióticos, senão atirando-se de alma e coração para a peleja em que hoje se consome a maior parte das nossas energias.

Nós nunca nos esquecemos de frisar que a nossa situação jornalística pretende ser de perfeita imparcialidade, não para comodamente nos escaparmos a brigas e contendas, mas para assim constituirmos uma corrente desapassionada que sirva para contrabalançar as fúrias e os frenesim dos impetuosos.

Não nos acusa a consciencia de havermos faltado á nossa missão, se bem que não tenhamos duvida em reconhecer que outros mais capazmente que nós a poderiam desempenhar.

Tambem sentimos uma certa satisfação em declarar que nunca se manifestou, entre nós, uma iniciativa, uma ideia feliz, que nós não lhe dessemos o nosso apoio, o mais desinteressadamente possível.

As colunas do *Diário de Lisboa* nunca se fecharam, quando se tornava necessario celebrar um merito ou enaltecer um acto honroso.

Podemos mesmo afirmar que é o maior orgulho dos dois anos de vida que conta o *Diário de Lisboa*, que, agora mais que nunca, tem de exprimir a sua gratidão para com todos os que o olham com simpatia e interesse.

SUMARIO

DO NUMERO DE HOJE

Entrevista com o critico de arte Salomon Reinach, realizada em Paris, por Joaquim Manso (7.ª pagina).

«A literatura feminina e o eterno tema» — meia hora de conversa entre os redactores do «Diário de Lisboa» e as senhoras D. Branca de Gonta Orlago, D. Carlota de Serpa Pinto, D. Maria de Carvalho, D. Maria Sofia de Santo Tirso e D. Virginia Vitorino (3.ª pagina).

«Como vive e trabalha Raul Brandão», por N. Lopes (14.ª pagina).

«As ultimas 24 horas de um crime», por Artur Portela (5.ª pagina).

«A Senhora Condessa d'Edla», por Alves Martins (11.ª pagina).

«As Andorinhas», de D. João da Camara (10.ª pagina).

«Versos de D. Oliva Guerra, D. Mercedes Blasco e Felix Correia» (10.ª pagina).

«Os gatos de Lisboa», por Aprigio Mafra (6.ª pagina).

«1895», por Norberto de Araujo (8.ª pagina).

«Memorias de um chefe de protocolo», entrevista com o sr. Luis Barreto da Cruz (9.ª pagina).

«O sr. ministro da Justiça fala sobre o decreto dos lucros illicitos» (16.ª pagina).

«A alternativa do cavaleiro João Nuncio» (2.ª pagina).

«Sport do outro mundo», por Carlos Sergio» (12.ª pagina).

«Entrevista com o actor Alexandre de Azevedo», (8.ª pagina).

HA dois anos, no seu primeiro numero escreveu o *Diário de Lisboa*:

«Este jornal que hoje inicia a sua publicação, sob os auspícios dum acontecimento nacional — a homenagem aos soldados desconhecidos, escolheu esta data para mais vivamente fixar a sua intenção de dar ao nome português toda a paixão da sua alma crente nos destinos da raça.

Não trás consigo o *Diário de Lisboa*, outro programa senão este — erguer Portugal acima das misérias e fraquezas dos homens, afim de que ele seja para todos nós o maior facto do nosso esforço e do nosso espirito.»

Do numero de 7 de abril do ano passado:

«Os nossos primeiros numeros foram escritos, compostos e paginados numa casa escura, humida e fria que as ratazanas percorriam descaradamente, sem recar os ataques das pessoas.

Um amigo nosso, que um dia nos visitou, ao ver o descaramento dos roedores que sem pejo se espalhavam sobre as lages da redacção, disse-nos:

«Este jornal ha de ir longe, porque consegue viver no meio de bichos!»

Provavelmente foi daqui que o *Diário de Lisboa* adquiriu um certo feitio para se não assustar.

Procura ser verdadeiro e justo e não abre o guarda-chuva para escapar ás tormentas. Já tem visto bichos bem maiores que as ratazanas que lhe giraram em roda de berço».

HOJE, aniversario deste jornal, o *Diário de Lisboa* sauda os colaboradores de todo o ano, aqueles que pelo seu espirito e pela sua elegancia profissional, pelo seu pensamento e pelo seu lapis, por vezes foram nossos companheiros de trabalho, em numeros festivos ou por eventualidade feliz. Orgulhamo-nos de contar entre os escritores e os artistas portugueses algumas dedicacões sinceras, que nos emprestam bastas vezes o brilho dos seus talentos.

Os redactores do *Diário de Lisboa* recordam tambem, com estima, os nomes amigos daqueles colegas que, por circunstancias da intempéstiva vida profissional, deixaram de fazer parte desta casa, sem nada perderem, contudo, da nossa camaradagem. Entre eles, Sarmiento Duque e Sá Pereira.

E desfolham uma saudade comovida pelo nome de Afonso Bragança.

NESTE dia festivo para nós, marcamos um acontecimento triste: o falecimento, esta tarde, de um companheiro de trabalho, o sub-chefe tipografico e paginador sr. Eduardo Duarte, que ha meses se encontrava doente.

O SR. almirante Augustó Neuparth, engenheiro hidrografo, realiza esta noite na Associação dos Engenheiros uma interessante conferencia, subordinada ao titulo: «Portos de pesca, necessidade da sua criação em Portugal».

CORREIA da Costa acaba de publicar um elegante folheto, *A Terra Ribatejana*, que é um estudo interessantissimo e scintillante de relevo literario, de leitura agradável para quem se interessa pelo desenvolvimento da vasta região de que se occupa.

Uma critica

Carta aberta

Ex.^a senhor conselheiro Fernando de Sousa (Núncio). Acabo de ler a notícia publicada por v. ex.^a na «Epoca» de hoje, sobre o meu livro «Leonil» — e venho agradecer-lhe rsgadamente, folgando muito por ter esboço de dirigir umas linhas de cumprimento a uma individualidade tão veneranda e tão típica.

Podia também, e certo, aproveitando a oportunidade, fazer os meus reparos, embora de passagem, à sua preciosa visão de coisas de Arte. Resposta v. ex.^a exalta a beleza ruda das paisagens — e enfurece-se contra a «mesma» beleza ruda das figuras; próprias dessas «mesmas» paisagens. Acha admirável a vibração do sol, o colorido das pastas de tinta forte e apaixonadamente dadas das hortas, lencinhas, searas e pomares; mas revoltava-se contra o vermelho abrasado duma boca ou contra a redondeza succulenta duma seio, sem lhe discutir o «processo», a «forma», a «realização», única coisa a criticar. Acho digno de louvor o pincel que dá com segurança e verdade amável doçura ou a brutal aspereza dum resaca de vale ou dum barruol de serra; mas considera detestável que esse mesmo pincel procure dar com igual amor e igual verdade os devaneios idílicos ou sensuais duma boeira, ou as instintivas iras dum virador de lavadas. Concorde que se procurem na infinidade de paisagens da Mestra Natura as tintas espessas de melhor e dar; mas não admitto que se busque, a linguagem dum comprador de gado para se pôr esse comprador de gado a falar, que se observe a sua vida para dar essa vida, nem tão pouco que se descrevam os baticos e os servilismos que ele usa, para se lhe cortar a sua traja. Aceita a deserção duma rajada de invernal que esgalhe torça e escape uma floresta inteira; mas não consente que se marque a fúria dum ganso acossado pela vida, a raiar como um lobo.

Agrade-lhe, enfim, que se tome como motivo de Arte uma serra, uma varzea, um rio, um castanheiro ou uma rubra papoila — e se procure dar-lhe o seu corte, a sua cor, a sua transparência ou a sua alegria; mas não tolera que possa servir, como motivo de Arte também, um animal campestre com a sua poeira, o seu sol, a sua vozaria — ou um carreiro, ou uma teodeira, ou um almocreve, ou uma castadora de «chubas», com os seus instintos, os seus sentimentos rudimentares, a sua linguagem castigada e própria, os seus tamancos, as suas verdades de vime ou os seus olhos fagueiros... — a não ser que, tratando-se dos olhos, em vez de fagueiros, reatôs ou amoráveis, se diga que são piedosos, muito piedosos, embora eles, nesse momento, toldados de torpor, vivam na embriaguez dos lagares e do mosto, mordidos pelos coriscos dum grande sol de vindimas, a dar-dejar a pino! Admira a beleza duma árvore cobrindo-se de pampas, desabrochando, florindo, frutificando, sob a «carícia ardente da luz»; mas reprova que a mesma força divina faça bater mais forte um coração de mendeira e que um moçoito de olhos de amor morda uma boca com beijos!

E poderia mesmo dizer que um lavrador, lá de cima, a quem o Senhor Conselheiro, com a sua susceptível e delicada sensibilidade, disse:

— «Homem! Que animalidade, que realismo, que bestialidade, que estúpido e ininteligível uso, que absurdo regionalismo! Porque não prendes tu os bois — que são tão bonitos — ao carro — que é tão interessante e tem tanta poesia — sem ser com este rijo couro cabeludo, a não-lhes falas tu com um falar mais doce, e não usas tu, em vez dessa japonsa de saranga, tão sarabulhenta e grossa, um elegante jaquetão ou um «paletot» inglês? O nosso lavrador lá de cima, encolhendo os ombros e atravessando o tambeiro, responderia simplesmente e brandamente:

— «Boa vai ela! O Fidalgo, cá disto, não entende nada...»

Mas não. Acho inteiramente bem. V. Ex.^a é o Senhor Conselheiro, individualidade conhecida e sem o menor favor respeitada. As suas opiniões estão certíssimas — e eu nada mais quero senão agradecer-lhe, como devo, a sua gentileza e a sua bondade em se ter ocupado do «Leonil», quando eu mesmo já não pensava no seu aparecimento.

E com as maiores desculpas pelo tempo que lhe tomei, se o Senhor Conselheiro tem o trabalho de me ler, subscrevo-me respeitosamente

De V. Ex.^a Obrigadíssimo

Antonio de Sêves

NUCLEOCALCINA



TONICO RACIONAL E NUTRITIVO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais.
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos.
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite.
Farmacia Formosinho
12 - Praça dos Restauradores - 12

A ARTE DE MARIALVA

João Nuncio

um dos «Azes» do toureio a cavalo
toma a alternativa
na corrida de 3 de Maio

Quando, no principio do ano corrente, escrevemos sobre a provável alternativa de João Branco Nuncio, varias versões contraditórias ouvimos. Não fizemos alarde da noticia na ocasião, por não o acharmos oportuno.

Deixámos passar o tempo, sempre bom conselheiro, e aproximamos-se a epoca tauromaquica, e hoje podemos informar os leitores e os aficionados sobre o assunto.

Soubemos que o estimado bandarilheiro Luciano Moreira ia varias vezes a Alcacêr do Sal, onde se demorava alguns dias: Surgiu-nos então a pergunta: — O que iria ele lá fazer, nessas viagens?

Encontrando acidentalmente Luciano Moreira, dissémos-lhe:

— Sabemos que vem de Alcacêr, e deve trazer noticias sobre a alternativa de João Nuncio...

Como resposta, obtivemos um sorriso e nada mais.

Então insistimos:

— Seja franco; sabe bem quanto essa noticia terá de agradável para a «aficção»...

— E' verdade, João Nuncio tomará a alter-

com transporte e sustento de criados e de cavalos, etc. Modesto até a ultima palavra, nunca se envaldeceu com os aplausos que tem conquistado com a sua sciencia e a sua arte; e nesta conformidade, seria um crime de lesa-tauromaquia, se ele não enfileirasse entre os actuais proficionais, tomando a alternativa.

— Mas, porque deliberou Nuncio abraçar o profissionalismo, sendo, como é, um rapaz bastante rico?

— Os constantes pedidos que lhe eram feitos pelos seus inumeros amigos colocavam-no sempre em situação afitiva, não sabendo como resolver o assunto; e para não ficar mal, nem com uns nem com outros, resolveu cortar o mal pela raiz, tomando a alternativa.

— E quem lh'a dará?

— Estou certo que qualquer profissional. Quem será é que não se sabe ainda.

— Mas dizia-se que Nuncio não poderia tomar a alternativa, por não ter cavalos de combate nem quem lh'os amestrasse...

— Isso é um contrasenso. Os seus cavalos amestra-os ele. Para isso mandou construir propositadamente na sua «própriedade» um pi-



JOÃO NUNCIO

nativa, se Deus quizer no dia 3 de Maio, toureando touros de seu pai, e, no dia 6 do mesmo mês, lidará touros da casa Cadaval.

— Quere dizer que o não tornaremos a vêr mais como amador?

— Faz a sua despedida, como tal, na praça de Setúbal, em 22 do corrente.

— Conhece Nuncio ha muito tempo?

— Desde muito novo.

— Reconhece em Nuncio faculdades como cavaleiro e toureiro?

— Eu lhe digo; — ainda quando aluno da Escola Academica, num concurso hipico onde a mesma se fez representar, classificou-se em 2.º lugar; e sempre vi nele muita vocação e habilidade. Hoje, Nuncio é cavaleiro toureiro por excelencia; fica-se maravilhado todas as vezes que o vemos tourear. A forma como prepara, crava e remata, é de verdadeiro mestre. A sua grande «aficção» e a persistencia no seu trabalho, conseguiram collocá-lo na primeira fila dos nossos amadores. E nota curiosa: — nunca consentiu em receber a minima importancia para pagamento das despesas,

cadeiro. Não monta um cavalo por montar, pois é excelente equitador. Foi ele que amestrou o cavalo castanho, em que tantas vezes o temos visto tourear, e que é um dos nossos melhores cavalos de toureio. Além deste, veremos mais duas estampas que Nuncio nos vai apresentar, ambos ferro Veiga, da Golegã, que ele está preparando e que não o deixarão ficar mal colocado.

— A «aficção» deve ficar satisfeita com este novo «Az»...

— Não lhe reste a menor duvida. Mesmo porque o veremos agora mais vezes.

Uma ultima pergunta:

— Já sabemos que, caprichando Luciano na organização do cartaz para a sua festa, não faltará com a apresentação do novel cavaleiro.

— Adivinhou.

Alegrem-se os aficionados e o publico com este acontecimento, pois verão enormemente engrandecida, desta maneira, a nobre arte de Marialva.

El Rodriguito

Mundanismo

Andarinhos

Temos amanhã anos as senhoras:

Condessa de Vila Real e de Melo, D. Sebastiana Viana Ferreira Roquete, D. Leonor de Almeida Coutinho de Lemos (Seixo), D. Maria Isabel de Varennes, D. Maria de Almeida, D. João de Castello Branco de Castro e Almeida de Melo Brayer, D. Maria da Glória de Ovaros e Loureiro, D. Maria Beatriz Contino Gomes Henriques, D. Maria Teresa Santos Leitão e D. Margarida de Faria Teixeira Bastos.

E as sr.^{as}:
Conde de Azvedo, Amândio Cayula Zagalo, Jorge Henriques de Vasconcelos e Pedro de Magalhães Vasconcelos.

A caridade

Começou hoje na residência da sr.^a D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, 4 rua do Seculo, 139, a cabrega dos bilhetes marçados para a elegantissima recita de caridade que se fará de 10 do corrente ao realize no teatro de S. Luiz, com a esgrajada comedia de Gervasio Lobato «Sus Excelencia», na qual, além dos distintos amadores a que achamos nas referencias tomam parte as sr.^{as} D. Ana Maria da Cunha Meneses Pinto Cardoso e D. Maria do Carmo da Cunha de Noronha (Paraty) e os sr.^s José Amado, João Pinto, D. José Correia de Sampaio (Castelo Novo), Mario Duarte, Eduardo Luis de Sousa Coutinho Ferreira Pinto Bessa e Luis de Noronha e Costa (S. Miguel), continuando na segunda-feira, das 2 ás 6 da tarde, no mesmo local.

Jantares

Os sr.^s viscondes de Asseco oferecem esta noite um jantar aos sr.^{as} duques de Palmela, solenizando o ajuste do casamento do seu filho Antonio, com a senhora D. Luísa de Sousa e Holstein Beck (Palmela), gentil filha daquelles titulares.

— Na sua elegante residência da Lapa, ofereceram ha dias, a senhora D. Maria de Lencastre Van-Zeller, e seu marido, o distinto engenheiro sr. Carlos Van-Zeller, um jantar que decorreu sempre debaixo da maior simpatia e ao qual foram convidados: medeiros Belford Ramos, condes de Seixal, viscondes de Asseco, visconde de Torrijó, dr. Ruy Enes Ulrich e D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, D. Luis de Carvalho Daun e Lorena (Pombal) e D. Rita Correia de Sampaio Daun e Lorena.

— Na quarta-feira, a senhora D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich e o sr. dr. Ruy Enes Ulrich, ofereceram na sua elegante residência, 4 rua de S. João dos Bacalhados, um esplendido jantar, ao qual foram convidados: duques de Palmela, marqueses de Tâncos, condes da Ponte, dr. D. Antonio de Lancastre e D. Beatriz de Lancastre, almirante Policarpo de Azvedo, dr. José Lobo de Avila, Lima e D. José Luis de Saldanha de Oliveira e Sousa.

Outra, na mesma residência, realizou-se um chá oferecido aos sr.^s marqueses Dragonetti de Torres, ao qual assistiu grande numero de pessoas da nossa aristocracia.

Em viagem

Para o Bom Jesus, partiu com suas gentis filhas, a sr.^a D. Virginia Duff Burnay Vieira Pinto, esposa do nosso amigo sr. Antonio Vieira Pinto.

Partiu para Paris, a senhora D. Maria de Oliveira Reis, esposa do sr. Gabriel Ramires dos Reis, que partirá para ali dentro de alguns dias.

Regressou de Londres o sr. Diniz de Melo Manuel Bordado Pinheiro.

Para o norte, partiu o sr. Alfredo Vieira Pinto.

Com sua esposa a senhora Helena Gaudes Duff Burnay, partiu para Porto o sr. Frederico Duff Burnay.

Pontos de reunião

Agenda

— A nossa sociedade «smart» dará amanhã «rendes vossas» de tarde no recital da piano do São Luiz, de la-lyste pianista José Viana da Mota, e nas «matinées» do Coliseu dos Recreios, Sálfo Fox, Chado Terrassa e C. nome Condes, de tarde nas «matinées» do Sálfo Fox e de Chado Terrassa e á noite nas sessões da media do Coliseu dos Recreios.

UM ASSOMBRO

A estreia do film «Intolerancia» no Cinema Condes assim foi ontem classificada

A estreia da 1.^a jornada do famoso film «Intolerancia», tão ansiosamente esperada, constituiu ontem o assombro da numerosa e selectissima assistência, chamada ao elegante Cinema Condes pela celebridade de que o novo film vinha precedido dos principais e mais famosos cinemas do mundo. A expectativa do publico não foi iludida. Tudo na «Intolerancia» é na verdade extraordinario, verdadeiramente maravilhoso para os olhos e para o espirito, sendo deveras impressionante, logo nesta primeira jornada da «Intolerancia» a extraordinaria reconstituição do imperio da Babilonia e a visão da guerra que o levou á ruína. A'manhã, alem da «Intolerancia» e da chistosa comedia «Fapstino sportman», pelo famoso macaco Faustino, estreia-se um film com curiosos aspectos de Macan, paisagens, usos e costumes.

Palmira Bastos em S. Carlos

Palmira Bastos, a artista inigualavel e inconfundivel, que é o idolo do publico, está obtendo em S. Carlos um brilhantissimo triumpho, com a magistral interpretação que dá a delicada personagem de «Flora» da linda peça «A CHAMA». O trabalho da insigne artista tem merecido, do publico e da critica, as mais elogiosas e unanimes referencias. Hoje, em S. Carlos, repete-se «A CHAMA», em que têm também esplendidos trabalhos Emilia de Oliveira, Amelia Bastos, Carlos Santos, Henrique de Albuquerque e Samuel Diniz.

O teatro de S. Carlos está sendo frequentado por um publico de todas as categorias sociais, que não quer privar-se de assistir a um espectáculo requintadamente artistico, que lhe é proporcionado por preços ao alcance de todos.



D. Branca de Gonta Colaço, D. Carlota de Serpa Pinto, D. Maria de Carvalho, D. Maria Sophia de Santo Thyrso e D. Virginia Vitorino são dos mais limpidos temperamentos literários portugueses, na cultura feminina das letras. Sem ridículo na sua arte, cada uma das nossas gentis colaboradoras — colaboradoras distantes! — possui um encantamento, uma originalidade, uma expressão singular. Tem a sua maneira, o seu público. Mesmo a sua nobreza.

Como hoje é o dia do nosso aniversário vieram trazer-nos a graça do seu espírito e estender-nos as suas mãos enluvasadas. Fizemos uma roda, á palestra. Podiam demorar-se pouco. Uma mulher — demora-se sempre pouco. O entretenimento foi assim curto, descuidoso, irreflectido.

Reproduzi-lo não será uma inconfidência. E' mesmo o pretexto para lhe fazermos o nosso cumprimento. Um jornal — é um pouco um lar de pensamento. Um lar boêmio — mas um lar. Fazem cá falta rosas. Ora quando as Senhoras saem, da sua conversa ficam sempre rosas, para o resto do ano.

Clarinha traz um vestido ligeiro — e o seu grande colar de perolas. Um 'charme'. E' um dito de espírito — vestido. Branca de Gonta vem mais simples: o loiro da sua cabeça e a musica da sua voz casam-se, milagrosamente, com a sua figura fidalga e harmoniosa. Lembra uma rima do D. Jaime. Maria de Carvalho, aparência donairoza e grave, como um conceito, traz um vestido negro. E' um sentimento corporizado de tristeza. Maria Sophia de Santo Thyrso, sorriso infantil, mãos habituadas a afagar crianças, põe o encanto no grupo. E' silenciosa e ritmica, tal qual a linha de um bailado russo. D. Virginia Vitorino, olhos azuis como a superfície de certos lagos calmos, compõe o seu cabelo sem possibilidade de ondas revoltas, como se burlasse uma resignação no misterio de dois tercetos.

A conversa é ligeira. A nossa sala não comporta etiquetas. A vontade. Literatura feminina...

—Mas a Mulher que escreve deve transmitir emoções próprias, ou emoções imaginadas?

Cada uma das Senhoras, de sua maneira, sorriu — desdenhosamente da pergunta. Foi o sorriso romantico, o sorriso malicioso, o sorriso sentimental, o sorriso infantil, o sorriso amavel.

Clarinha, rompendo a conversa, disse logo: —A Mulher, mesmo que não queira, transmite sempre emoções próprias. A não ser no nosso rol da cosinha, nós escrevemos sempre o que sentimos...

—Mas nunca mentem? — perguntou espantado um de nós.

—Oh! Se mentimos é ainda porque sentimos a mentira. De resto, mentimos pouco; quasi nada. O que sucede é que sentimos hoje de uma maneira e amanhã de outra. «A mulher é vária», como canta a romanza...

—Eu sinto sempre da mesma maneira e com a mesma sinceridade — disse Virginia Vitorino.

—E' uma maneira, de mentir como outra qualquer — replicou a ironista das Cartas á prima — E' lá possível sentir sempre da mesma maneira!

E passeando as suas mãos pelo colar de perolas a arder:

—De resto, e nisto é que vai a minha resposta á pergunta do Portela (fôra o Portela quem preguntara) «toda a Mulher que escreve a frio será lida com frieza». Só a emoção verdadeira pode criar Beleza no que se escreve.

—O que é necessario — sentenciou o espirito de D. Maria de Carvalho — «é um justo equilibrio entre o sentimento e a imaginação».

—E V. Ex.ª que nos diz?

—Eu — responde Maria Sophia de Santo Thyrso ao Norberto Lopes — entendo que a Mulher deve escrever o que pensa — se acaso pensa...

—E' a defesa da imaginação contra o sentimento — anotou o Aprigio Mafra.

—O que se sente só é, em geral, compreendido pelos que sentem da mesma maneira. Depois, o sentimento tem moda...

—Quere dizer que a moda obriga a vestir...

—De artificio. E' pois preferivel imaginar. Voltou ao seu silencio ritmico e ao seu sorriso discreto a contista da Alegre a linda.

Dona Branca de Gonta, espirito gentilissimo, interrogada por sua vez, por Norberto de Araujo, disse na sua voz de oiro, e pausadamente, como se recitasse:

—Acho que o que importa é que a obra seja bela e perfeita, sentida ou imaginada, vivida ou criada. Desde que não seja banal, encanta com certeza. Em todo o caso, a minha simpatia inclina-se sempre para as obras sentidas. Não é assim, Virginia?

—Sim. Sentir sempre — disse a poetisa dos Namorados. Sempre. O sentimento não comporta nunca uma mentira. A razão, mesmo, engana-se mais vezes. Uma obra artificial pode ser linda, mas é necessariamente fria.

E compoz o seu sorriso martir.

Norberto de Araujo conciliou:

—Imaginar — é criar sentimento...

E perguntou:

—E que preferem? A literatura futil ou a literatura de intenções?

D. Maria de Carvalho respondeu, sem cerimonia:

—Reconheço que a literatura futil agrada mais, ou pelo menos, agrada ao maior numero.

—Dentro do futil — replicou Clarinha — cabem todas as belas intenções. A prosa futil é feita á imagem e semelhança da mulher. E não estão as nossas futilidades tanta vez cheias de intenções fortes?

Calamo-nos todos. Passara uma verdade diante de nós. Mas, Virginia Vitorino, não se conformou:

—O futil é sempre vasio. Desde que um

—Eu! Vivo engaiolada num subjectivismo sem remedio possivel. Tenho muita desconsoção com isso. Apenas sinto. Não sei pensar. Não tenho a faculdade de imaginar. Entendo que nós, mulheres, não deviamos fazer literatura... Mas se a fazemos por necessidade de espirito — devemos ser sinceras.

—Tem razão — disse com doçura na concordancia D. Virginia Vitorino. — Quando dizem que os meus sonetos têm pouca literatura, eu fico muito contente. E' que são sinceros.

—O soneto de amor — é uma confissão. Não se faz literatura no confessorio.

Foi o Norberto Lopes quem sentenciou. O Felix Correia, como quer que a conversa entrasse depois na apreciação de preferencias e afinidades literarias, aproveitou para colher definições pessoas:

—Quaes os escritores que v. ex.ª preferem? Sempre gostava de saber...

—Para quê? Por mim, todos os poetas e prosadores de inspiração são meus predilectos. Don Denis cantou coisas deliciosas. Gostava tanto que Don Denis ainda vivesse... Acho adoraveis todos os prosadores e poetas deste pais de sol e laranjeiras sempre em flor. Encanta-me o romantismo.

Clarinha falou com sinceridade. A poetisa inspiradissima das Folhas — Maria de Carvalho — sentenciou:

—Não posso ter predilectos. As minhas preferencias variam com o meu estado de alma.

—Vêm? — notou Clarinha. — Eu não lhes disse ha pouco que a mulher é vária?

Branca de Gonta Colaço
Carlota de Serpa Pinto
Maria de Carvalho
Maria Sophia de Santo Thyrso
Virginia Vitorino
conversam com os redactores do 'Diario de Lisboa'
sobre

"A LITERATURA FEMININA E O ETERNO TEMA"

pedaço de arte possua qualquer coisa de forte, deixou, evidentemente, de ser uma futilidade.

—Ha coisas fortes que são bem futeis. Os homens, por exemplo...

E Clarinha, que falara, largou a sua gargalhada cristalina. Depois prosseguiu, como quem emenda um gesto livre:

—Eu gostaria só de escrever o que sinto e de contar o que vejo. A futilidade, assim, podia ter uma intenção. Mas, quê! As almas que me rodeiam estão, como certos jardins maravilhosos, metidas dentro dos muros de convenções, de dissimulações, impossiveis de transpôr. Dai, o retrato que fazemos das coisas, ser sempre imperfecto.

—Futil, pois — disse do seu cantinho o Alves Martins.

O Artur Portela interrogou, então, o silencio infantil de Maria Sophia Santo Thyrso. A autora das historias para os pequenitos, olhou para o jornalista, e disse:

—Eu, que escrevo de instinto, escrevo pensando o que sinto, e sinto o que penso. Talvez realize assim uma harmonia, que me agrada, embora fôsse desagradar aos que me lêem. Quanto ao futil, acho-o bem, como acho bem as intenções, que cabem á vontade nas futilidades. Só acho mal — a affectação.

—Sejamos simples — sintetizou o Mafra.

—Como as crianças — completou a mais nova das nossas colaboradoras.

O Alvaro de Andrade mostrou interesse em saber o que Branca de Gonta, que faz tão lindos versos, prefere dentro da sua arte: imaginar ou reproduzir sentimentos.

A autora das Matinas diz:

Maria Sophia de Santo Thyrso e Virginia Vitorino puzeram-se de acordo. Ha um grande poeta, um predilecto, um santo: Antero de Quental!

—Escrever é um martirio lento. Eu tenho admiração por todos os martires. Prefiro os martires aos outros santos...

Foi Clarinha quem falou: Despertada pelo Alves Martins, que não perde ocasião de arquivar depoimentos, Maria Sophia de Santo Thyrso confessou.

—O escritor que mais gosto é o que acabei de ler ha menos tempo. A's crianças succede a mesma coisa com as historias.

E acrescentou:

—Mas tal qual succede ás crianças, nunca me lembro qual é a ultima historia que me contaram.

—Não compreendo que se não confesse uma predilecção. Eu adoro Herculano — disse Virginia Vitorino.

Norberto Lopes interrogou a filha de Tomaz Ribeiro. A poetisa disse então, como num recitativo:

—Gosto muito de muitos poetas e de muitos prosadores. Não os engano. Juro que não tenho um eleito. Meu pai — enterece-me. Mas eu, pobre filha! — sou tão suspeita.

—E dos modernos? — fez o Alves Martins.

—Nenhum — respondeu, rapido, Clarinha. E emendou:

—Ou melhor: todos. São tão bons rapazes!

—Mesmo que tivesse eleito algum, não o dizia — confessou Maria de Carvalho.

—Eu — disse Maria Sophia no ar mais serio

deste mundo — dos autores dos nossos dias, o que prefiro — é Camara Lima...

—Camara Lima que lhe agradeça «os nossos dias» — fez do seu cadeirão o dr. Joaquim Manso, que lia *L'Ingénu*, de Voltaire, numa edição de cincoenta centimos.

—Com franquesa, nenhuma prefere o Dantas? — extranhou o Felix Correia.

A irreverencia não caiu bem. Depois a conversa dispersou-se. Falou-se de tudo. O sol, as flores — até a moda. São tão gentis a atuar-nos, as nossas colaboradoras! Depois o *Diario de Lisboa* é quanto ha de menos salão, de menos preciosismo, de menos academia. Os ridiculos das sabatinas literarias não podiam entrar cá em casa.

A um *coin* da conversação, a poetisa dos sonetos, de amor dizia agora ao Aprigio Mafra e ao Portela:

—Não gosto que me chamem «literata». Não o sou, nem quero ser.

—Escrever, numa mulher, nem sempre é fazer literatura — observou Maria de Carvalho.

—Ora... é sempre... mais ou menos.

—E que me importa que seja?... — opoz Clarinha a Maria Sophia.

Branca de Gonta, com amor nos seus olhos de um romantismo salutar e doce, concluiu:

—Escrever um verso não nos impede, a nós mulheres, de passarmos a mão, com carinho, por todas as cousas do nosso lar...

Nesta altura, Norberto de Araujo arriscou a nossa ultima pergunta:

—Dos eternos temas da literatura feminina, qual o da vossa maior simpatia?

Todas as senhoras sorriram. Todas.

—A felicidade, o amor? — perguntou o Alves Martins.

—As crianças, as joias, as flores, a moda? — juntou o Felix Correia.

E Maria de Carvalho a primeira a responder:

—Prefiro o tema da ocasião. Não tenho simpatia.

—Isso é uma maneira de não responder — notou o Portela que diz sempre o que pensa.

—E Clarinha que nos responde?

A cronista deliciosa e humana das Cinco horas compoz uma ideia, e disse, sem malicia:

—Só um tema existe, um unico sobre a terra, dentro do qual todos os outros se fundem. O amor. Tudo é vario, instavel, infinito, e o amor vence em tudo. O livro que nós gostaríamos de escrever aos vinte anos, é diverso do que escrevemos hoje, mas o amor é eterno tema de um e do outro. E vê? não ha nada mais futil e mais profundo.

E com decisão:

—Sim. Se o tema da Mulher não fôsse o amor, vestido de que maneira fôsse, vocês, homens, tinham razão para nos chamar «mulheres literatas».

—E a sua preferencia? — pediu o Alvaro de Andrade a Virginia Vitorino.

Tout court, a Poetisa disse:

—O Amor...

Como se dissesse:

—Não sei de mais nada...

Maria Sophia, que brincava com a fita de seda do seu pescoço, olhou agora um pouco surpreendida para o Norberto Lopes e disse:

—O tema que prefiro? Daqui a vinte anos talvez lhe saiba responder...

E retomou a sua linha serena e ritmica.

A ultima palavra viria de Branca de Gonta. Todos os presentes esperavam a revelação da sua voz compassada. Ela, ouvindo o silencio, disse:

—Por mais *démodé* e mais romantico que pareça, o Amor é o meu tema predilecto, mas o amor sentimento e não o amor intenção. O amor — Amor, tão raro como as esmeraldas sem jarça...

Acabara, naturalmente, a conversa. O dr. Joaquim Manso ia na pagina em que *La belle Saint-Yves* diz a Madame Dufresnoy:

—Nous autres, pauvres femmes, nous avons besoin d'être conduites par un homme...

A nossa escada é curta. Ensaíamos todos a nossa melhor compostura, e acompanhamos as nossas colaboradoras á rua. Seguiu cada uma o seu destino, todos tão diversos. Mas nós, que ao contrario das mulheres, julgamos que se deve de preferencia imaginar, para poupar o sentimento, vimo-las subir uma a uma para as suas berlindas decuradas, estender-nos a sua mão enluvasada, deixarem cair aquele sorriso com que os homens compenham na vida os encontros da rua — e desaparecerem.

E fica-nos de cada uma um ramo de rosas — até o Natal.

PAPELARIA
PRAÇA LUIZ DE CAMÕES, 43

TYPOGRAPHIA
RUA DO FERREIAL, 12 A 20

PAPELARIA CAMÕES

— DE —
AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, L.^{DA}
42, Praça Luiz de Camões, 43 — Telef. C. 1040
LISBOA

Grande variedade em objectos para escriptorio, livros para escriptorio
e escolares, estojos para desenho, papeis para flores e muitos outros artigos
GRANDE SORTIMENTO DE OBJECTOS PARA PINTURA A OLEO E AGUARELA

Secção de typographia

Rua do Ferreial de Batua, 12 a 20

Telefone C. 697

GRANDES OFICINAS MOVIDAS A ELECTRICIDADE

Encadernação e pautaço

— TRABALHOS SIMPLES E DE LUXO —

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS A'

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.^O L.^{TD}

LISBOA

PORTO

Rua do Crucifixo, 49

246, Rua Monsinho da Silveira, 250



MARQUES & SANTOS, L.^{DA}
ALFAIATES-MERCADORES

FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

TOILETTES EM TODOS OS GENEROS

Corte esmerado

Acabamento irrepreensivel

Coletes de fantasia — Artigos para cavalheiro

PREÇOS SEM COMPETENCIA

TELEFONE C. 3699

RUA DO LORETO, 42-1.^o
LISBOA

PRATAS A PESO E JOIAS COM GARANTIA

Ouivesaria da Estefania 130, Rua Pascoal
de Melo, 132 -

Os nossos Ex.^{mos} fregueses e amigos encontram sempre
na nossa casa um variado sortido em todo o genero de
objectos de prata, ouro, joias e objectos em estojos.
Compramos e recebemos em troca: ouro, pratas e joias
a cobrir as melhores ofertas. Confrontem os nossos
preços e obterão a certeza de que é na OURIVESARIA
DA ESTEFANIA que se vende mais barato.

BOSSA, GAMA & MORAES

Para CURAR ou ALLIVIA a

TOSSE

TOME AS ANTIGAS E AFAMADAS
PASTILHAS PEITORAES
DO
DR. ANDREU
DE BARCELONA

Favorecem a expectoração e a tosse desaparece
quasi sempre antes de se abater a primeira calza
SEO ANTIGO CREDITO DATA DO ANNO 1886

ASTHMATICOS
usam os CIGARROS e PAPEIS
AZOTADOS do AUCTOR
que calman
imediatamente a
ASTHMA
por mais forte que
seja.

DEPOSITO EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositaros gerais para Portugal e Colomias:

Gimenez-Salinas & C.^a

9, Rua Nova da Trindade, 1.^o — LISBOA

BANCO ESPIRITO SANTO

— LISBOA —

LISBOA — PORTO — FUNCHAL

Operações bancarias

Limpar todos os
metaes com

Solano

DEPOSITARIOS
FIGUEIREDO & TELLES, L.^{DA}
RUA ALVES CORREIA, 45, 1.^o
TEL. (FONES) 3156 e 3697 - N.
(GRAMAS) FITELES -
LISBOA

AMOSTRAS GRATIS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Economia e higiene no calçado
obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.^{da}

74, RUA DO CARMO, 74

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

121, R. dos Fanqueiros — LISBOA

Fundo de garantia mais de Esc. 3.150.000\$

Poucas collocações de capitais apre-
sentam tão valiosas garantias como a com-
pra de uma RENDA VITALICIA, feita á
Companhia Geral de Seguros

Absoluta garantia

Completa segurança e grande rendimento

NOTA — A Companhia facilita todas
as informações que lhe peçam.

UMA PAGINA DE TRAGEDIA

As ultimas vinte e quatro horas de um criminoso

POR ARTUR PORTELA



10 horas da noite

Tenho a memoria mutilada! Foi ha vinte e quatro horas, de noite... Tenho fumado, fumado muito, fumado sempre. Eu soffro. Nunca esta palavra so... *frer* teve tanto sofrimento. Tenho uma ulcera no cerebro, em sangue, vermelha, ardente, como se o bisturi andasse a retalhar, a golpear, como se golpeiam os cancos tumidos de pús. Ha vinte e quatro horas que cometi o crime! Que matei! que a matei!

O sangue rompeu-me as veias, saltou-me ao cerebro como uma onda. Sinto as meningis tamborilarem; a lingua farpada de febre não escorrega no palatino, seca e ardente como um calhao do inferno! Eu matei, meu Deus! Escondo as mãos para as não vêr, elas accusam-me, distendem-se; aranhas disformes e repelentes, ascorosas e tragicas, que guardam a mascara dela.

Estou neste quarto ha doze horas, fechado; é de noite, a ultima noite dum condenado a morte, porque eu quero morrer... Vim cheio de sangue, empastado de terra, cortado de lagrimas, hediondo e lugubre, como um palhao sem cor com a tinta do estrangulamento nas mãos, sangue e mais sangue, o dela. Encharquei-me de agua, mas o sangue ficou, como se fosse uma ferida. Tenho crósta nos dedos, pustulas; e nas narinas, um aroma acre e fumegante, como o têm os açougues das grandes matanças. Eu matei! E' isto—matei.

Estou no meu quarto! As obliquas do tempo revolteiam no relógio. Na estrada, aos solavancos, palpitando o leito da terra e acordando rumores longinquo, passam as carroças, os carreiros. Se não fossem estes minutos em que o silencio se estilhaça, eu já teria morrido. E' que a minha cabeça estoira. Tudo arde em mim! Porque matei?

11 horas

Pregunto ainda, preguntarei sempre: porque matei? Porque aquilo não acordou em mim de repente. Eu pensei, eu olhei o crime antes de o cometer. Tive-o nos meus olhos e não o repeli. E depois—matei. Matei-a! A ela! Meu Deus! Ah! Tenho a vida suspensa, á espera de que? E a minha pobre cabeça cheia de guizos do inferno, loucuras de tragico carnaval, gritos e luzes, choques de espadas, ainda na morte, a matar, a ver a scena...

Tudo em sangue! Como devem sofrer os loucos a gritar escarlate! E' uma posta de sangue, o meu cerebro, como uma perna esfaçada, prensada, esmigalhada por um carril brutal! Eu estou ainda lá a matar, a estrangulá-la, a ver correr aquele vomito de sangue, aquela cabeça louca de cabelos, incendiada, sinistra, Yokonan no inferno.

5 minutos depois

Eu amava-a. Amava-a como as crianças amam as bonecas, as mulheres, as virgens, as virgens o céu. A sua cabeça fresca dormiu no meu coração. De tanto se apertarem, nossas mãos sabiam falar. Mordia-a, como se morde um fruto brávio. A sua boca era uma luminosa flor, fecunda como um fruto, acre, como um bago temporão.

Amava-a! Vi-a crescer, só para mim, como cresce uma flor que nós todos os dias vamos vêr, espreitar as pétalas. Cresceu a amar-me, apenas para o meu amor! Odiei Deus, nesses instantes. E matei-a! Tenho o cerebro cansado como a lama duma estrada. Ha quarenta e oito horas, naquela casa, de noite...

Sem hora

Para que dizer a hora, se a hora é sempre a mesma? Se o tempo não conta para os desgraçados? Se o minuto que passa é o mesmo, é o anterior, e o tempo está suspenso na minha cabeça, como uma eternidade de sofrimento...

Ela, morava numa casa distante da cidade. A três leguas, pelo menos. Havia um muro,

selvagem e rustico, onde os martirios ofereciam os seus labios assassinos nos dedos tremulos das hastas. Havia luar, ha quarenta e oito horas... Ha lá coisa mais triste que o luar num velho muro! E' uma dôr que se espalha, é uma expressão de velha mumia na pedra gasta. Como o luar sofre, melancolia dum Deus errante, captivo de virgem, um rastrô, uma poalha, um cadaver de mulher aberto em pús... Queimavam-se as flores, eram os dedos das dôres que as trespassavam á espada, que as matavam. Ha assim mil crimes na noite, que eu ignorava.

Seguia na sombra, na sombra do muro. Ia indiferente. Então não mataria. A casinha ficava á esquerda, adivinhava-se a distancia pelo perfume e pela claridade do luar, que era um branco roseiral, ali. Duas janelitas, palmeiras fechadas de criança, um ar humano queixoso e triste, como se uma nova angustia fosse nascer. A noite ia ter uma mascara, ia ser modelada. Novos gritos! O branco do luar era já uma irritação, queimava-me os olhos como a geada, picotava-os, mordida-os. Entrei a chorar. Agora, sim... O crime! Chamei-a baixinho: Maria!... Maria! Se ela acordasse? Ela estava salva! Eu estava salvo! Debaixo das sombras azuladas das arvores, havia goivos. E o seu aroma acre como o da pimenta, endoidecia-me, crispava-me.

Mais tarde

Dentro daquela casa duas mulheres dormiam. A que eu amava, e a que odiava! Para tã uma, tinha que a outra desaparecer. Fechava-se num egoismo, odiava-me por saber que ela, a que eu amava, e era sua filha, me amava. Esperei na noite... A três leguas da cidade, ao pé dum muro facil de saltar, sem um grito, apenas com uma crispção igual á que tem um passarito ao morrer, seria tão facil matar! Matar para ser feliz! Um crime é apenas um espasmo de violencia!

E se me prendessem? Oh! Que tolice. O meu crime já estava preparado no cerebro, detalhe a detalhe, minucia a minucia. Vi-a estrangulada, morta. Via-me na sombra daquella casa, rastejando devagarinho, seguindo baixinho pelo corredor, e...

E... ao fundo, no quarto distante, matá-la, te-la debaixo do meu joelho, sem um grito, um soluço, um arranco, uma lagrima em segredo.

De repente, o meu cerebro parou, emudeceu. Fui o outro do instante anterior, pensado; não do instante de então, actual, verdadeiro, cruel. Apalpei as minhas mãos como se palpasse as dum estranho. Senti-as rugosas, metalicas, prontas. E é possível não vêr? E! Eu andava sem vêr, mecanicamente, distanciando de mim mesmo, outro e não eu.

No jardim, uma flor queixou-se, desprendendo-se lenta da haste para a terra. Silencio sagrado na paisagem toda. Divinização do luar. Queimaduras de branco na terra infinita, dormindo de olhos fitos no céu. Em penumbras as ramagens das arvores distendiam-se e crucitavam como azas crispadas e monstruosas de famintos abutres...

11 horas e meia

Não quero escrever isto. E' a minha confissão. Quem me accusa, sou eu. Eu quero viver!



e hei-de viver. Agora, não. Estremeço de hor-de agua. A mulher estrebuchou, revolveu-se, ror. Sei que me espreitam... E' noite, e não vi, mas senti os seus olhos que gritavam, noite sabe tudo. A treva não esconde, aclara; que despedaçavam as sombras á procura, de revela as sombras como os acidos numa ca- quem? Todo o corpo dela vibrou, açoitado pelo instinto da vida; percorreu-a e transfigurou-a como um espectro escorrido, de sombra mais funda, na sombra. Escabujou, — e as minhas mãos impiedosas como tentáculos — quebrou em dois o corpo, — e os meus dedos ardentes mergulharam na carne — o corpo como um frangalho, como uma labareda, esfarrapava-se; debatia-se; palpitava...

Subi a escada, devagarinho. A que eu ia matar, dormia ao pé da porta, logo á entrada, dois passos. Eu sabia tudo. Devagarinho, subi... Uma grande sombra cresceu para mim. Os meus cabelos, estacados; a minha boca rolou um o, formidável de angustia, todo eu ia gritar. Recuei... Não era uma sombra, era o pavor que me toldava os olhos. Sabem o que é viver só do coração? Senti-lo trepidar? Palpar? Gritar? Denunciar?

Lá em cima, o corredor, fazia um angulo recto. Ao fundo ela dormia, a que eu amava, aquela por quem eu ia matar. A outra, estava ali. A porta do seu quarto fazia uma exclamação de sombra, na sombra. Havia três janelas largas e simples no corredor. O luar traçava-se no chão, entrava muito de manso, era um cadaver. O coração desceu de ritmo. Via-se. Clareava. Assim, sim. Não pensava ainda, era o outro, o outro que tinha preparado o crime, no frio desolamento do seu quarto, com a riqueza ardente do futuro, só, só com ela.

Avancei! De novo o meu coração bateu. Bateu mais, bateu mais que os meus passos, ouvia-se pela casa fora, como um velho relógio... Apalpei as mãos, eram os instrumentos do crime... Empurrei a porta do quarto... Um siffo de respiração vinha do fundo.

Branquejavam roupas... Todo o resto eram sombras liquefeitas, de que eu tinha a impressão que me enegreciam e sujavam o corpo como carvão. Dois passos mais... e o meu coração recusou a vida. Estava agora suspenso por um unico sentido—o sentido anterior de matar. De vagar, esperei! Mais um passo. O siffo da respiração, cresceu, fino e tremulo... lá matar, estendi as mãos, e elas não a encontraram. De longe, era mais facil. Eu não a via... Não, não posso, não posso matar! Mas porque tinha vindo até ali, até aquele quarto, até áquella leito? Para matar! Então que matasse. Era a minha cobardia que falava, com medo de morrer! Palpava o horror! E o horror, acreditem, é mais forte que a morte. Quando se mata, é o horror do que está por detraz, do que se sente mexer e viver nas nossas costas, que nos impele, que nos atira ao crime.

Então, sim; os meus dedos tomaram-lhe o pescoço, a pele gelatinosa fugiu-me, e eu, para acabar depressa, rapido, atei com o ferro dos meus dedos áqueles musculos laços, senti a respiração fugir-lhe, como foge um fio

Um ultimo arranco. A rala da agonia esfacelou-lhe a gorja. A toda a altura, venceu a dôr, avultou, ia-me esmigalhar, já de pé, e eu de pé também... Com o ultimo instante de vida, a cabeça roleteu-me entre os dedos, bateu na parede, um instante depois teve um ruído seco, e tocou... em quê? A luz electrica jorrou formidável, clara, ércain pavoroso ante o meu crime. A cabeça batera no comutador... Oh! meu Deus! Agonia pavorosa, estridente, lubrica de loucura, num cerebro de um condenado, esvrumante, colerica, com a boca cheia de arrepios e de insultos; mais sangue, mais nervos, doido, doida eul...

Aquele corpo, não era o dela; era o meu, era o de Maria! Os seus olhos viram-me! Viram-me, eu sei! Com que pavor me fitaram! Um vomito de sangue, torceu-a, quebrou-a, reteizou-a toda... E aquele sangue ardente jorrava, jorrava infinitamente, salpicava-me os cabelos, incendiava-os, e mil labaredas, flamejaram naquela cabeça sinistra.

A minha ultima hora

Compreendi tudo, depois. A outra saíra. Ela fôra esperá-la ali, naquele quarto, para a ouvir bater...

Ninguém sabe... Não, a morta sabe-o, e eu sei também, e eu vou matar-me. Mas que pavor me tolhe? Não é a morte que me assusta. O cano do revólver ali, estilhaça com um claro a sombra.

Estou aqui pregado nesta cadeira, hirtto, sem um movimento, um gesto... porque tenho medo que tudo desabe á minha roda... Eu sinto o arrepio fino dum halito... De-traz de mim, olhos invisíveis, monstros, larvas, fantasmas, espectros aterrorisam, cavam sombras... E eu não me posso mexer, nem para me matar! Nem para me matar—oiçam! Adivinhar, esperar o fantasma invisível que está por detraz de mim, e que quer matar, e eu, que quero a morte, fugir dela, porque ela é o pavor, o horror... Uma execução sinistra, na treva. São duas mortes! Mas eu hesito!... Quero a minha. A bala, o cráneo depedaçado. Não me posso mexer, tenho o corpo aniquilado, ha três horas; quasi não respiro. Deixei de fumar...

Percorre-me uma navalha a espinha, os cabelos erguem-se, ha um frio que os toca, a carne palpita a uma mordedure que me percorre... Não olho, não faço um gesto, os musculos tensos, por uma prodigiosa vontade que não é a minha... Uma pequena alteração na posição do meu corpo e tudo estalaria á minha roda... E' o nada que me cerca, o nada hante, com frangalhos de cadaveres... Sinto passos, mais passos; o cerebro rola em sangue, desfeito em sangue, arde-me, queima-me, como metal em fusão.

E não me posso mexer! Nem levantar a mão para o cano da pistola, para a morte... Tenho frio; estilhaços de vidro, no cráneo, mais frio, tanto! tanto!...

Não é o crime que me faz morrer. Esse esqueci-o. E' o horror desta noite imensa, que anda ha um seculo na minha vida, que não acaba nunca, de que eu não sairei. E' o horror! A treva viscosa como um reptil! Os mil passos, os mil gritos que oiço por detraz de mim... Ah! Já sei... Meio minuto, e o relógio vai dar horas... Só assim... Aproveito o ruído e mato-me... Agora...

Artur Portela

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento

VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 %

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos

os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos

MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.

A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Rua do Desterro, 17 a 29

OS ANIMAIS NOSSOS AMIGOS...

OS GATOS DE LISBOA

Os ricos, os vadios e os vencidos da vida

Como se conhece, pelos felinos, o viver dos donos



O fidalgo...

Estas notas de reportagem—creiam—sugeriu-mas o meu gato, que responde pela alcinha de «Fadista» e foi arrancado, por uma noite de inverno, ainda pequenino, à vadiagem soturna aqui das ruas do Bairro Alto.

O «Fadista» dá-se muito bem com o «Imperador»—um galo de grande crista vermelha que está estabelecido com capoeira no saguão da minha casa, onde passa as noites a bradar como sentinela de acampamento um alerta metálico que põe os outros galos da vizinhança em alvoroço de guerra, e onde os dias lhe decorrem felizes, porque não faz senão amar, comer e descansar, desde que o sol nasce até que se esconde no ocaso.

Andavam sempre juntos, numa intimidade de bons amigos, o «Imperador» e o «Fadista». Aninhavam-se um ao pé do outro para gozar a mesma restea de sol; comiam, sem se zangar, os restos do mesmo prato; arriscavam-se aos mesmos perigos, quando, talvez por proposta do felino, assaltavam ambos a cozinha; e nunca houvera, até ontem, entre eles, um sinal de discordia; tamanha parecia ser a solidariedade que os unia.

Mas ontem, o «Fadista» enroscou-se num cesto de costura, e o «Imperador», como era seu hábito, seguiu-lhe as pisadas e o exemplo. A costureira, porém, indignou-se, tomou o caso em desfeita, e os dois intrusos foram corridos pouco amavelmente para os seus domínios do saguão. O gato, de rabo alçado, escapuliu-se sem protesto, e foi enrodilhar-se, muito triste, numa cadeira de bunho velho; o galo foi atrás dele, refilando e protestando sempre; e... quando se dispunha a instalar-se também na cadeira, deu-se um conflito. O «Fadista» compreendera que o causador do vexame tinha sido o «Imperador», e deu-lhe tantas sapatadas na crista, que teve a dona de segurar o desordeiro para que a briga não chegasse a ser sangrenta.

Desde então, ficaram de relações cortadas os dois amigos de tantos meses...

Ora o caso deu-me que pensar; que eu não desgosto, uma vez por outra, de me isolar do convencionalismo a que chamam vida de relações, para consagrar aos animais, uns momentos de atenção que muitos homens não merecem.

Pelo menos, nunca vi que o meu gato tivesse um gesto de ingratidão para quem o tratou bem, enquanto que a certos entes que presu-

mem de racionais, raras vezes prestei um benefício que não m'o «agradecessem» com provas extremadas de patifaria. Adeante.

Certo é que o meu «Fadista», com aquele assomo de despeito que lhes contei, forneceu-me assunto que baste para uma página de impressões traçada, assim, em tom breve de jornalismo.

E senão, vejamos os leitores se não é interessante uma digressão de análise ahi pelos bairros típicos da cidade, a observar os milhares e milhares de gatos que a povoam, todos com um *quid* que os caracteriza, com uma vida que os distingue, com hábitos que são o reflexo do meio a que se afixaram, e que são a denuncia constante do que vai nas famílias cujas maguas ou cujas alegrias os pobres bichanos partilham.

Os gatos das casas ricas, são nedios, bem tratados, têm nomes franceses, e não veem à rua. Desprezam a multidão, não lhes quadra o convívio da canalha. São gatos como quaisquer outros, é certo, mas são gatos de estimação; o regaço das donas, não tendo mais carinho, tem perfumes caros que os perturbam e os fazem vaidosos, daquela vaidade que o mimo dá e que o dinheiro pretende justificar.

Vejam lá a indiferença, o altivo desprezo, que ha nos olhos de um desses gatos que se põem à janela, sobre almofadas, e por entre reposteiros, a ver os que andam cá fóra, famelicós, esbrugados de ossos e cansados de liberdade, á cata das espinhas que o lixo não quiz...

São gatos de andar ao colo, e são, sobretudo, gatos de taboleta. Quando a gente os



O vencido da vida...

vê naquela postura de tranquilidade e de bem-estar, pode ficar certo de que, para os seus donos, a vida só não corre bem, porque corre às mil maravilhas.

Aqui há tempos na rua do Seculo, lá ao cimo, surpreendi eu um gato, de madrugada, a miar desesperadamente, empinado à frontaria dum prédio. Parei, intrigado com o caso, e, decorridos uns minutos, a janela do primeiro andar abriu-se, assomando a ela uma velha, com uma cesta na mão.

A cesta desceu até à rua, segura num cordel, o gato meteu-se lá dentro, contentíssimo, e a velha guindou-o até lá cima, com extremos impressionantes de carinho.

Era escusado perguntar o porquê daquela solicitude; mas, depois vim a sabê-lo por informação segura. A casa não tinha quintal e o gato tinha exigências que não se compadeciam com o asseio da dona. E então, era aquela a hora habitual de descer à rua na cesta-avião, e era aquele o processo escolhido de conseguir que o bicho não sofresse incômodo de maior.

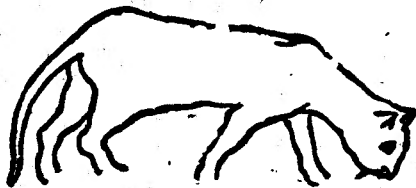
Digam-me agora se aquele gato não é diferente dos outros, e se ele não denunciava, assim, a maneira de ser dos seus donos?

Estes são doutra categoria. Nem ricos que dispensem por horas mortas o á vontade da rua, nem pobres que precisem de vir cá fora mendigar os restos sujos dos caixotes. São os remediados, os da classe média, os que vivem com o que têm, sem transigir com a rale, os que escolhem um momento propício para ir ao poiso dos vadios, de maneira que não os vejam os outros, e, vendo-os, possam rir-se da sua semi-polyessa, limpa, mas envergonhada.

Não se me dava de apostar que a dona daquele gato não tem posses para o luxo de uma criada, e nunca regateia com as peixeiras só pelo medo de que elas lhe chamem pe-lintra, ao admirar-se da carestia dos carapaus.

Mas se os senhores quiserem vêr gatos interessantes, gatos que o sabem ser, gatos pandegos que se gastam na boémia como muita gente que se presa, gatos românticos que até no andar têm uma cadencia fatalista; ou gatos gatunos que engendram assaltos no escuro dos portais, ou gatos sem eira nem beira que dormem pr'ái ao Deus dará, onde quer que a fadiga os prostre, passem aqui pelo Bairro Alto onde eles são aos bandos nas ruas, ou passem por Alfa na onde eles são os cristãos novos da petizada, ou passem pela Mouraria, onde os seus olhos despedem chispas de fogo, que são tristeza e que são ameaça, na noite perigosa das vielas.

Isso sim! Ai é que é vê-los; porque ai é que eles são bem o meio em que nasceram. O seu soluçar de amor sob a chuva, e o vento, e o frio dos janeiros, tem a inocência das crianças



O vadio...

e tem o ciúme medonho das feras. Despedam-se em duelos de morte, como d'antes se matavam os amorosos nas sortidas de capa e espada, e como ainda agora são capazes de se matar os fadistas nos desafios trágicos da navalha.

São vadios. Farejam, de manhã, para fingir que almoçam, o lixo dos monturos. E eles, que se rasgam por uma fêmea, são duma solidariedade modelar na partilha dos alimentos. A's vezes são oito, e dez, e mais, na pesquisa do caixote que lhes cheira a restos; e nem por isso disputam, nem por isso os movem invejas ou preferências.

Se eles, quando adrega achegar-se-lhes também, a miséria humana, vestida nos farrapos sujos duma trapeira, até com essa fraternidade naqueles festins da fome e da desgraça que a gente vê todos os dias nos bairros pobres da cidade!

E vejamos os senhores este contraste: Os gatos, só pelas gatas se batem; os homens, raro se desentendem por outro motivo que não sejam o estomago e a ambição...

Até quando roubam, não é uns aos outros que se prejudicam. Podem roubar o dono; podem roubar a mulher do peixe que deixou



O ladrão de carapaus...

o cabaz sem vigilância. Mas um gato do Bairro Alto, ou de Alfama, ou da Mouraria, um gato de Lisboa, enfim, nunca rouba outro gato.

E então, são duma destreza admirável no executar da roubalheira. Primeiro pedem, imploram; a sua voz tem entoações de choro, como só os petizes sabem ter quando se propõem comover os pais.

E se a dona não acede, porque o dinheiro é pouco e a peixeira não quer saber da miséria de cada um, o vadio decide-se então, e rouba; mas rouba num protesto que é fome e que é vingança.

Quando se calou a pedrinha, quando o mendigar não bastou, entra o crime em scena como ultimo recurso da pobreza.

Vá lá a gente saber se, muitas vezes, aquele assalto feito num repente, no patamar de uma escada, será ou não, um esboço de compensação aos erros de justiça que se praticam nos tribunais...

Depois, ha também os gatos vencidos da vida. A esses, tanto se lhes dá como se lhes deu. A miséria, a fome e o tempo conluiaram-se para os vencer. Foi-se a alegria; carinhos nunca os tiveram; e se a vida deve estar-lhes por um triz, que lhes importa a eles que á sua beira dois amantes se beijem ou se esfaqueiem, que os garotos os apedrejem ou os tragam ao colo; que o dono os queira ou os engeite, mandando-os num saco para bem longe do seu lar?

Não os incomoda isso grandemente; porque em toda a parte ha sol, e em toda a parte se pode morrer. E põem-se, então, a deambular ao acaso, onde quer que a sorte os poz, indiferentes a tudo, caminhando sem pressa e sem destino, até onde as pernas os levem ou até onde a vida os deixe.

A's vezes morreu-lhes o dono, e a vizinhança não quiz vê-los mais, não fosse caso que a esmola dumas sopas a empobrecesse; outras vezes foi a velhice que os tornou insuportáveis e os poz na rua para irem morrer algures, a qualquer canto, como fazem as mulheres certos homens que nunca lhes desejaram senão a mocidade; outras vezes ainda, não lhes faltou o dono mas faltou-lhes o mimo, faltou-lhes a amizade; e os gatos, como as pessoas, entristeceram, deram em andar na vida como vagabundos, deram em só ter no olhar a tristeza do desengano.

São os que nós vemos por aí, enroscados ao sol sem sequer os tirar de lá a iminencia de um atropelamento ou a brutalidade de uma pedrada. São os que, sem o dizerem porque não sabem falar, a toda a hora pedem á crueza de um *chauffeur* que os esbarrache quando os vir dormindo naquela nesga de sol a que foram acolher-se, com mais vontade de morrer que de tornar a despertar.

Os gatos de Lisboa! Mas os pobres bichanos valem, por si sós, um dos aspectos mais lindos, e mais típicos desta terra de privilegio em que tudo é beleza, desde a luz solar que nos ilumina até ao céu que nos cobre, e até á saudade com que as suas pedras nos dizem os segredos do passado!

Aprigio Maíra

OFICINA FOTOMECANICA

FUNDADA EM 1902

Thomas Bordallo Pinheiro

Bordallo Pinheiro,

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

Largo do Carmo 82, 4.º 19

LISBOA

TEL. 21003

2554

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E

MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LISBOA 1923

UM HISTORIADOR DAS RELIGIÕES

Salomon Reinach

FALANDO "DIÁRIO DE LISBOA"

A SUA PERSONALIDADE E A SUA OBRA

HA UMA CRISE RELIGIOSA?

O autor de *Apolo*, de *Orphée*, de *Minerve* e de *Eulalie* conseguiu tornar amável, enternecedora, familiar mesmo, a sciencia, podendo fazer-se ouvir e ler pelas mulheres que adoram o seu espirito claro, metódico, e a maneira engenhosa como ele resume em paginas belas, lições e conferencias admiráveis, o que outros armazenam em grossos volumes inabordáveis.

Salomon Reinach é sabio e artista: estuda e profunda as questões e sabe expô-las em sínteses perfeitas que são verdadeiras maravilhas.

Era natural que, sendo ele um dos mais apreciados historiadores das religiões, nós o visitássemos para conhecermos o seu pensamento directamente, com o fulgor e a sinceridade da sua palavra, tanto mais que sabíamos que ele publicara ha pouco um livro em inglês—*A Short History of Christianity* que encerrava conclusões que contradiziam ideias nossas e ideias de muitissima gente. José de Figueiredo, director illustre do nosso Museu de Arte Antiga, conhecidissimo em Paris como critico de arte e expert cuja opinião resolve duvidas e problemas intrincados, em materia de identificação e autentificação de quadros, estatuas e cerâmicas, levou-nos até á presença acolhedora de Salomon Reinach, seu antigo mestre e amigo, que vive nas proximidades do Bois, em casa propria—uma formosa vila, em recinto ajardinado e gradeado, aonde não chegam os rumores da turba.

É um homem de estatura mediana, com o aspecto sereno de quem conhece a vida nas suas raízes profundas—scientificas e filosóficas—falando uma linguagem limpa, singela e lucida que revela uma intelligencia que repousa sómente na verdade.

Levemente grisalho, semiticamente moreno, na fronte as rugas do estudo e da meditação, a boca pouco talhada para o riso e para ironia, o olhar vivo e penetrante, como se buscassem novos caminhos, para além dos caminhos já conhecidos...

Recebeu-nos no seu gabinete de trabalho—forrado de livros de alto a baixo, um rico lustre pendente do tecto, uma escada portátil para chegar a qualquer altura das estantes, estatuas e bustos gregos em cima dos móveis, cadeiras e fauteuils para os cavacos intimos, janelas abertas para o jardim...

Fomos apresentados a Mme Berteaux, alta e simpática, tocada na severidade do seu vestuário pela magua nunca extinta de ter perdido o seu marido, o grande critico e historiador de arte, gloria da França contemporânea.

Mme Reinach, vestida de veludo preto, tem no seu rosto branco, de feições tão suaves, uma expressão de graça e de bondade que revela bem a mulher que diariamente se consagra a cuidar dos pequeninos que recolheu, num carinhoso internato, sobre que ela vela com nobre afeição de mãe.

A mocidade da familia explende, esculptural e radiosa, numa sobrinha de Mme Reinach, vinda da Russia tempestuosa para o lar socego e espiritual de seus tios que ela realça com a sua linda cabeça, em que os olhos são poemas românticos, o penteado uma sombra alta, harmoniosa, digna dos trovadores meridionais.

—Como me preocupa o problema religioso,

que reputo um dos que mais inquietam a consciencia moderna, desejava ouvir a sua autorizada opinião sobre o assunto...

—Entendo que não ha um problema nem uma crise religiosa, actualmente, pois as sociedades não mostram cuidar d'outra coisa senão da sua reconstituição economica e social.

—No entanto, em França e noutros países, nota-se um interesse apaixonado por tudo o

que se liga com o sobrenatural—interveio Mlle Reinach.

—São meras praticas de espiritismo que, depois da guerra, encontraram fervorosos adeptos, sobretudo naqueles que não se resignam a ignorar o paradeiro dos seus mortos queridos.

—Mas o povo, que não é espirita, corre aos templos com um fervor jamais visto. Que significa este fenómeno?—inquirimos nós.

—O povo ignora a religião dogmatica, teollica, organizada em sistema. Vive mergulhado em superstições—crenças que de longe vem e que ele aceita, por falta de cultura. Ainda ha pouco appareceu um livro da princesa Bibesco que encerra informações preciosas acerca dos camponeses da Romania. Um autor português, Leite de Vasconcelos, nas *Religiões da Lusitania*, merece ser lido, e com proveito.

—Não conheço o que se passa na Romania, mas em Portugal, pelo menos, a religião catolica, talqualmente a ensina o catecismo, não admite elementos impuros...

—Será um caso a destacar. Talvez isso se explique pelo facto de o clero do seu país ter um contacto mais directo e constante com as camadas populares, arrancando-lhe castelosamente todas as sobrevivencias pagãs-animistas.

—O catolicismo, em toda a parte, procede da mesma maneira não descansando os seus missionarios, enquanto ele não vive nas almas, mas na sua pureza evangelica.

—Não penso assim, porque vejo que a religião catolica se converte, como todas as outras, numa formula do nacionalismo. Cada povo a aproveita para se defender, na tremenda luta a que estamos assistindo. Os seus interesses e os seus odios podem mais que a palavra dos sacerdotes que não ousam impedir a guerra, apesar das beligerantes adorarem o mesmo Deus e se inspirarem do mesmo Livro. Até os proprios judeus, com o sionismo, obedecem á mesma febre. A luta pela vida domina o idealismo religioso.

—Embora eu reconheça que povos da mesma crença se guerreiam com ferocidade, exterminando-se nas suas gerações, mais jovens e animosas, entendo que a religião representa uma educação continua do genero humano que, á medida que alarga a sua acção, irá diminuindo os motivos de conflitos, irmanando os homens...

—Bom seria que assim fosse, mas a religião tem estado tanta vez ao serviço das paixões que, podendo muitas vezes dominá-las, as tem favorecido e irritado. Bem sei que o cristianismo aconselha o amor e a paz, mas se os cristãos esquecem tão frequentemente os seus ensinamentos parece-me que é necessário dar-lhes uma disciplina ao mesmo tempo mais livre e forte.

—Ha uma grande tendencia para esquecer que a civilização moderna, principalmente na sua parte moral, é obra do catolicismo...

—A civilização é resultado de tantos factores que nem é facil enumerá-los. Que diríamos da sciencia, da filosofia e da arte, que nascem de nós proprios e para gozo e formação do nosso espirito?

Por um natural dever de lealdade, a nossa modestia obrigou-nos a dizer ao sabio illustre que, embora muito presassemos a sua opinião, não a seguimos.

Acreditamos que a crise europeia tem um fermento de caracter religioso e achamos que a religião corresponde a um instinto rasgadamente humano, pois só ella pode responder ás interrogações que propõe o drama do nosso destino.

Joaquim Manso



SALOMON REINACH

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LOJISTAS AVISO

A reunião magna dos delegados das Associações Comerciais do país, convocada para amanhã, domingo, pelas 14 horas, realiza-se na sede da Associação Comercial de Lisboa, sita á rua Eugénio dos Santos, 89. Os bilhetes pessoais e intransmissíveis de admissão á referida reunião são distribuidos hoje na Secretaria da Associação Comercial de Lojistas, á Avenida da Liberdade, 19 1.º, das 13 ás 19 horas e das 21 ás 24 horas.

S I C SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CHOCOLATES

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
Com Sede na AVENIDA DO PRESIDENTE WILSON, 6
Previnem-se os Ex.ºs Accionistas desta Sociedade que o dividendo votado na Assembleia Geral de 31 de Março de 1922, se encontra a pagamento na Sede Social, a partir do dia 9 de Abril proximo, todos os dias uteis das 14 ás 17 horas, excepto ás quintas feiras, e até ao dia 23 de Abril; a partir desta data, o pagamento do dividendo só se efectuará ás terças e sextas feiras de cada semana das 14 ás 17 horas.

SÃO

HOJE

A Prima Inglesa

Grande êxito

Auxenda na protagonista

LUIZ

CONTINUA O GRANDIOSO SUCESSO

Rir constantemente — Graça infinita — Três horas de bom humor se obtem vendo a mais graciosa comedia

A mulher do juiz

no
TEATRO AVENIDA

pela Companhia Acta Abranchas

A seguir: A MARQUESINHA, original do dr. Sousa Costa.

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

Chá das cinco

1895

Quando Sarah Bernhardt passou em Lisboa, em 95, três homens, ricos de mocidade e de espirito, quanto pobres de cabe-dais — pediram-lhe, em verso, bilhetes para o espectáculo. Sarah deu os bilhetes. A recita, pode ter esquecido neles, e o aspecto da sala, e o encanto das mulheres, e o ar de festa, e a vibração frenética dos aplausos. Daqueles bilhetes, tão cheios «de graça» nunca eles se esquecerão mais. Com o mais fútil dos pretextos — a morte de Sarah — a noticia tem vindo no jornal dia sim, dia não.

Compreendo muito bem.

Nesses três homens, a mocidade não acaba. Pelo espirito e até pelo desempenho da figura, eles são cada vez mais moços. Mas o tempo — o tempo, ah! — o tempo é que envelheceu.

O tempo dentro do qual eles estudavam sem paixão, se divertiram sem extravagância, amaram sem pieguice e foram ao teatro sem dinheiro.

O seu espirito, sempre rapaz, tem saudades de 1895.

Quando a Sarah morreu, não morreu para eles a heroína do Aiglon, a tragica da Fedora, a romantica Gauthier. Morreu para eles um pedaço de 1895.

Como eles têm pena que 1895 tivesse começado o envelher, enquanto que eles — a quem oxalá Deus conceda sempre, se não bilhetes de graça, a graça do seu espirito — se vão deixando ficar rapazes!

Compreendo muito bem. Não ha nenhum de nós, mesmo os que se deixam envelhecer cedo, que não tenha um 1895.

Essa saudade do tempo que passou, devagar, devagarinho, pésinhos de lá, segundo a segundo, como um relógio passa as horas felizes, tic-tac, tic-tac, sem que os olhos vejam mexer os ponteiros, e passa, e passa, tic-tac, tic-tac, inevitavelmente; essa saudade do tempo que não volta — tem naqueles homens o aspecto de uma saudade de amor.

1895! Ante ontem da vida! Minuto glorioso para eles em que a Sarah escreveu, pela sua propria mão de Mulher: «voici, messieurs, les trois places». Três lugares! Talvez se suponha que foram três lugares para o espectáculo.

Foram três lugares no coração.

Norberto de Araujo.



CAMBIOS

DIA 7

	Comprador	Vendedor
*Londres, cheque 90 dias.....	2 1/2	2 3/16
*Paris.....	1\$360	1\$395
*Berlim.....	1	1,25
*Hollanda.....	8\$087	8\$294
*Madrid.....	3\$151	3\$232
*Bruxelas.....	1\$176	1\$206
*Roma.....	1\$025	1 052
*Suíça.....	3\$779	3\$875
*Suecia.....	5\$470	5\$610
*Noruega.....	—	—
*Dinamarca.....	—	—
*Nova-York.....	20\$556	21\$089
*Brasil.....	2\$220	2\$260
*Rio de Janeiro.....	10\$3500	—
*Libra esterlina.....	—	—
*Agio de ouro.....	—	—

OITO ANOS DE AUSENCIA...

O TEATRO

visto por um grande artista

O "DIÁRIO DE LISBOA"

conversa com Alexandre de Azevedo

Nunca vi mascara de actor tão serena, tão nobre de arte, como a de Alexandre de Azevedo. Um olhar calmo e cheio, como um azul de céu, tendo uma larga visão da sua arte. Uma attitude de fidalgo. Meio sorriso de elegancia. Sem uma frivolidade, mesmo a palavra um pouco pezada de observação, muito objectiva, levando a conversa para o assunto que fôsse menos dele, que o tocasse pouco.

Saber entrevistar é saber conversar. E saber ouvir, sem perguntar, é também jornalismo. Mas Alexandre de Azevedo é um interior, um pouco fechado, sob a calma duma hora grave, recolhida.

Fui fazer a entrevista a sua casa. Uma manhã, ha dois dias. Mora em frente do Jardim de Santana, o velho, aquele que tem grandes arvores, edificios graves, o Patriarcado, a Escola Medica, predios de fabrica pombalina, primeira época.

A hora era feliz. Alexandre de Azevedo tolerou cinco minutos de atraso. Fez-me sentar no sofá; tomou para si um fauteuil e esperou.

—Oito anos de ausencia—comecei.
Tomou o dialogo:
—Percorri o Brasil quasi todo...
—Na companhia Aura Abranches...
—Ao principio, não.
—Mas veio para Portugal com ela...
—Interessado na companhia...
—E o seu teatro lá...
—Trabalhei por minha conta e com a minha gente...

—Em que genero...
E acrescentei:
—Que é o mesmo que dizer, qual é o seu teatro...

Inclinou-se para a frente o auctor. Não teve um entusiasmo. Senti, no entanto, que o que ele me dizia, tinha a certeza dum pensamento, duma definição, duma directriz:

—Teatro da natureza algum...
—O seu? o que ama?
—Absolutamente. Representei teatro grego.
—E a tentativa...
—Nesse tempo era relativamente facil de realizar... Conseguiram-se brilhantes «ensembles».

Imprevistamente, perguntei:
—O seu actor...
Ele respondeu o que eu esperava:

—Guitry...—Continuou: quando me fui embora de Portugal pensava em fazer no Parque Eduardo VII, com paisagens moveis, teatro de Natureza. Cheguei mesmo a entregar uma proposta na Camara Municipal...

—E agora...
—Não o desisto de fazer.
A conversa era assim. Reflectida e serena, como a alma do artista, sem frivolidades, sem exageros.

Tratámos de teatro, do nosso. Alexandre de Azevedo devia dizer as suas impressões; destacar o que deixou, antes de ir para o Brasil, e o que veio encontrar.

—Como sabe, ou como ouviu falar...
—Sim, porque nesse tempo não o conheci... Era novo.

—Trabalhei no D. Amelia, com os Rosas, com o Brazão, com a Lucilia. E tantos outros!

Meteu uma recordação nas suas palavras. —O Augusto Rosa era um actor brilhante... Mas o João, para mim, era mais completo... Nunca transigiu com o publico. Um mestre! Uma escola—a sua.

Observou:
—E fazia-se bom teatro. Por isso não se compreende que, agora, fujam dele, pretextando que o publico não o acolhe bem...

—Engano!
—Engano—repetiu ele. O publico ia ao D. Amelia; representou-se muita coisa bela. Havia mestres, então...

—E agora...

—A minha opinião sobre o teatro...

—Sim—a sua opinião...

—Atravessa uma confusa hora de crise.

Mas ha-de voltar a si—e disse isto com confiança.

—Caracterisa essa opinião.

Ele teve uma hesitação, a unica da conversa:

—Gente fora do seu lugar. Faltam ensaiadores. Não o digo que os não haja: ha, mas poucos.

E citou alguns, dos quais nos recorda Carlos Santos e Araujo Pereira.

—Ha casos curiosos. Um, por exemplo, a confusão que provoca um casamento de artistas. Dá logo uma companhia.

—Os bons nomes andam perdidos, divididos...

—Mas vejo gente; muitos nomes...

—E quem...

—Raparigas novas, sobretudo...

E citou ao acaso, entre nuvens de memoria, um pouco estranha aos nomes, vinte anos de ausencia.

—Já não falo de Aura Abranches, Amelia Rey Colaço, Stichini...

—A ultima camada...

—Emilia Fernandes, do Nacional, Ester Leão...

Mas hesitam por vezes. No entanto, com as suas belas qualidades que andam a esmo, fazia-se qualquer coisa, muita coisa mesmo...

—A sua peça...

—Todas...

—Todas?

—No Brasil pensei que quando regressasse a Portugal faria a Simone. Disse-o mesmo ao Brazão, quando ele lá esteve...

—Mas ela já foi no Nacional...

Com nobre simplicidade:

—Já. Admirei-me! Hei-de fazê-la. No Brasil estudei-a com um medico. A primeira representação assistiu uma delegação de medicos...

...gostaram...

—O que custa mais a fazer em teatro...

—Tudo, meu amigo...

—Sem uma reserva?

—Saber ouvir.

—E como estuda...

—Sobre a vida. Cada homem que passa na rua é um tipo...

E comenta:

—Não ha papeis facéis. Cada papel difere...

Não ha figuras; ha homens...

—Que não se vestem, nem falam, nem amam, nem odeiam da mesma maneira.

—Claro—e sorriu.

—A critica...

Alexandre de Azevedo falou então como se o jornalista falasse:

—A critica deve ser severa. E' um mal criticar bem o que é mau. O mau elogiado, mete os dedos na cava do colete e sente-se, o primeiro actor...

—Ha o começar, o seguir, o continuar... O finalizar é difficil em qualquer arte... O artista mais completo é o mais imperfeito—porque o sente.

Alexandre de Azevedo calou-se—concordava.

—O que vai fazer, no Avenida?

—Entrarei na Marquesinha. Depois farei o Sullivan.

—Trabalho serio...

—Sim, serio. O personagem que eu interpreto na Marquesinha é difficil...

—Fica em Portugal...

—Fico.

E sobre esta palavra se fechou a entrevista com aquele a quem já chamamos o nosso primeiro actor, o que herdou a escola dos mestres noutra época mais gloriosa do nosso teatro.

A GREVE METALURGICA

AGRESSÃO

A TIRO

em plena rua

Lambert Dargent

conhecido e rico industrial
foi alvo de um atentado

A greve dos metalurgicos continua sem solução. A resolução tomada pelos industriais, de não satisfazerem as reclamações dos operarios, mais os veiu ainda irritar, dando motivo a varios atentados dinamitistas.

Esta manhã, por volta das 11, quando o conhecido industrial metalurgico sr. Lambert Dargent, acompanhado por seu filho Pierre Dargent, saia do seu escritorio, na travessa do Conde da Ponte, 24, duma taberna-sita junto á Avenida da India, surdiu o operario metalurgico Jaime da Fonseca que o seguiu durante alguns segundos.

De nada desconfiou o sr. Dargent. Mas, a certa altura, o metalurgico aproximou-se mais, disparando um tiro pelas costas contra o referido industrial.

O sr. Dargent foi atingido no hombro direito.

O agressor fugiu em direcção á Avenida. O sr. Pierre Dargent, vendo seu pai ferido, tirou-lhe a pistola do bolso, e correu sobre o fugitivo, disparando varios tiros que não o atingiram.

Um policia que andava de serviço numa rua proxima, chamado pelo ruido das detonações, correu ao local, conseguindo prender o autor do atentado.

Conduzido ao Governo Civil, o agressor declarou ser operario da Fabrica Street, recusando-se a explicar o motivo do seu criminoso acto.

O sr. Lambert Dargent, depois de pensado numa farmacia proxima, recolheu a sua casa.

9 DE ABRIL

O conselho central do Nacionalismo Lusitano, considerando de luto nacional o aniversario da batalha de 9 de abril, manda resar uma missa na igreja de S. Domingos, ás nove horas do proximo dia 9, sendo celebrante o sr. bispo de Beja, antigo chefe dos espelões militares.

FESTAS ESCOLARES

Um grupo de alunos da Escola Commercial de Ferreira Borges realiza hoje um grandioso sarau á francesa no Lusitano-Club, em comemoração da gloriosa data de 9 de abril. Os bilhetes encontram-se á venda no Lusitano-Club, R. de S. João da Praça, n.º 81.

CONCERTO

TERÇA-FEIRA, 10 DE ABRIL

ALICE e MARIA REY COLAÇO

SALÃO DO CONSERVATÓRIO

Bilhetes á venda nas casas Sassetti, Neupart e Valentim.

TEATRO SÃO LUIZ

CONCERTO EXTRAORDINARIO

DOMINGO 8 DE ABRIL DE 192

Ultimo recital de piano

pelo insigne pianista

JOSÉ VIANNA DA MOTA

PROGRAMA

- 1.ª Parte—I «Tocata em dó maior», Bach, transcripta do organo por Busoni; Preludio-Adagio-Fuga.—II «Sonata» op. 31, n.º 3 em mi bemol, Beethoven: Allegro, Allegretto vivace, Menuetto, Presto con fuoco.
- 2.ª Parte—III «24 Preludios op. 28» Chopin.
- 3.ª Parte—IV «Bénédiction de Dieu dans la solitude», Liszt.—V «Coro das fiandeiras do Navio Fantasma», Wagner-Liszt.—VI «Campanella», Paganini-Liszt.

Pianno «BERNSTEIN»
da Casa Heliadora de Oliveira

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

O VULCÃO DA EUROPA

REVOLUÇÃO

SOCIAL

para breve?

Carlos Rates

conhecido militante operário
fala ao «Diário de Lisboa»

—Então, o que me diz a respeito de bolchevismo em Portugal?—perguntamos nós a Carlos Rates, conhecido militante operário e primeira figura do comunismo português.

—Dizer-se que em Portugal o bolchevismo não tem facilidades de adaptação é não sentir a crise capitalista em todos os países, é desconhecer ainda a situação insolúvel do problema português dentro das formulas actuais já tão experimentadas e com os resultados que infelizmente conhecemos.

E Carlos Rates, como se estivesse realizando uma conferência, expõe as suas razões:

—A crise capitalista existe; o capitalismo saiu da guerra ferido de morte. Antes da guerra, o papel-moeda em circulação pouco excedia as reservas-ouro dos Bancos emissores. Os Estados beligerantes, para fazerem face às suas necessidades de aquisição de armamentos, de materias primas industriais e de substancias alimentares, lançaram papel, muito papel no mercado. A moeda nestes países entrou no caminho da desvalorização.

Carlos Rates analisa depois o *post-guerra*:

—Não encontrando mercados para a colocação dos seus produtos os capitalismos dos países vencedores, recorrem primeiro a um expediente, a ofensiva contra os salários altos e contra as jornadas curtas de trabalho. Mas restringir o salário é reduzir a capacidade de compra do operário e o capitalismo quer que aumente o consumo dos seus produtos. Na verdade, o expediente é um beco sem saída. Que fazer? Não há remédio senão voltar à conquista dos mercados consumidores de produtos fabricados e fornecedores de materias primas. Daí insensivelmente e involuntariamente a tendencia para o imperialismo, a fatalidade de novas guerras. E' o caso da França buscando o carvão do Ruhr.

—E supõe que a ocupação do Ruhr dará uma nova guerra?

—A guerra existe de facto, apesar da passividade aparente da Alemanha. O novo está tecido; veremos o que sairá dele quando começar a desenrolar-se... As guerras hoje dão sempre surpresas para o mundo capitalista. A guerra de 1870 deu uma explosão—a Comuna de Paris; a conflagração de 1914-1919 trouxe a erupção dum vulcão—a revolução russa, cuja lava ameaça a Europa, senão o mundo. Esta dará... o que se ha-de ver. E' a catastrophe admiravelmente prevista por Carlos Marx.

—Mas volto ao principio. Ainda que se verifique a fatalidade da revolução, ela pode não ter o caracter bolchevista. Os sindicalistas e os anarquistas não aceitam os vossos pontos de vista e os sindicalistas constituem uma força considerável...

—Pois sim. Mas uma revolução faz-se com ideias praticas e soluções possíveis e quem tiver as ideias praticas e as soluções possíveis é que domina.

A VENDA:

Revista «de Teatro»

7.º numero—2.ª série

A peça policial em 4 actos de Rodrigues Alves

O COLAR

Colaboração escolhida de Matei Roussou, Ave-

lino de Almeida, João Bastos, etc.

Páginas graficas Cerca de 70 paginas

POLITEAMA

HOJE

O HERDEIRO

de CARLOS SELVAGEM

A POLITICA E A DIPLOMACIA

MEMORIAS

de um chefe de protocolo

O «DIÁRIO DE LISBOA»

conversa com o sr. Barreto da Cruz

A uma mesa do Tavares, entre duas chaves de café e um solo de bandolim, o sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo da Presidencia da Republica, conversa com o jornalista.

Vejam como o assunto é interessante: *Memorias de um chefe de protocolo; onze anos de bastidores da politica e da diplomacia.*

O sr. Barreto da Cruz, que se tem desempenhado do seu melindoso cargo com uma elegancia e um *savoir-faire* verdadeiramente notáveis, fala só por uma cativante amabilidade. Porque a sua missão é ouvir e calar. Mais tarde... Mas, por enquanto, uma indigência, uma palavra a mais, uma *gaffe* cometida por X., politico de notáveis merecimentos e virtudes, e posta a correr nas linhas rapidas duma entrevista que toda a gente lê, podiam muito bem acarretar-lhe um dissabor.

Ah! se o chefe do protocolo quizesse dizer tudo o que sabe, tudo o que surpreendeu, tudo o que adivinhou em onze anos de bastidores politicos e diplomaticos, quanta gente não dormiria hoje em paz com os anjos e com a sabia reputação que o seu talento lhe criou! Mas descansem, que o chefe do protocolo soube guardar como um *gentleman* as conveniências do protocolo — principalmente diante de um jornalista.

—Sim, hei-de publicar as minhas Memorias um dia, mais tarde...

—Por enquanto...

—Posso dizer-lhe alguma coisa...

E o sr. Barreto da Cruz desfia mentalmente os onze anos de vida politica, tão agitada, tão interessante, tão cheia de recordações, que o grande publico conhece apenas por ter comprado bilhete para o espectáculo e que ele observou entre bastidores, sem o carim, sem a trança, sem a luz da ribalta a iludir a visão dos acontecimentos. E o jornalista vai-lhe seguindo o pensamento, surpreendendo aqui uma alusão a X., além uma censura embulhada em papel de seda a Y., acolá um elogio à elegancia espiritual de Z.

Tudo homens de Estado, diplomatas, escritores, pessoas que vivem no segredo dos deuses e nas altas esferas da politica e do pensamento.

—O sr. dr. Teófilo Braga, por exemplo, foi apenas quatro meses Presidente da Republica. Em dois dias recebeu todo o corpo diplomatico. Magnifica impressão. A cada diplomata falou sobre a literatura do seu país. Ao ministro da China fez uma interessante prelecção sobre o Cancioneiro chinês. Com o ministro da Italia conversou acerca de Petrarca, de Dante, da Renascença. Sempre com elegancia, com inteligencia, com uma cativante amabilidade.

—O sr. dr. Bernardino Machado...

—Uma pessoa muito interessante com esplendidas qualidades de chefe de Estado. Cada medalha, porém, tem o seu reverso e quanto maior é a face, maior será o reverso da medalha. Quero dizer-lhe, no entanto, que a sua viagem a França e a Inglaterra marcou um autentico triunfo diplomatico. O Presidente foi recebido em Londres com um carinho popular que não era do protocolo. E, note bem, só depois de visitar a Inglaterra é que foi convidado oficialmente pelo embaixador da França para ir a Paris e percorrer o *front*. Não devemos esquecer que foi o primeiro chefe de Estado que visitou a França durante a guerra.

—O sr. dr. Manuel de Arriaga...

—Era um santo. Chamava-se a ele proprio o *Senhor da Cana*...

E fez a evocação da *archotada*, em que a multidão invadiu o palacio de Belem, pedindo em grita a amnistia para os presos politicos.

—Deve haver coisas muito interessantes nas suas Memorias...

—Hã... hã...

Como quem diz: hã... hã... mas estão verdes.

—Acha que têm sido perfeitas as relações do chefe do Estado com o corpo diplomatico?

—Nem sempre. Sofrem de um mal de origem: a letra da Constituição, que não dá categoria official á esposa do presidente da Republica. Para que ela intervenha em actos officiais onde a sua presença é indispensavel, é necessario consultar o governo, que, por sua vez, dirige o convite. Não devia ser assim. A Constituição tem que ser alterada.

—Ha outras dificuldades...

—Hã... hã... Uma delas é o chefe do Estado não ter um palacio onde possa receber. Em Belem dispensaram-lhe um anexo, onde viveu o sr. dr. Bernardino Machado e onde viveu o almirante sr. Canto e Castro. Mas não é bastante. Além disso, pagavam de renda ao Estado cem escudos por mês, no tempo em que recebiam um subsidio de dois contos... Se o presidente da Republica quere utilizar-se das pratas que pertencem ao Estado, tem que pagar de aluguer, por cada vez, quinze escudos...

E o chefe do protocolo fala com um grande espirito de independencia:

—Tem havido sempre dificuldades de dinheiro... Assim, não pode ser presidente da Republica o homem bom, o primeiro cidadão do país, tem que ser o homem mais rico. Pode dizer tambem que o chefe de Estado não tem dois automoveis em condições para receber e acompanhar as pessoas que o protocolo manda.

—Em resumo, entende o sr. Barreto da Cruz...

—Que é necessario cercar o primeiro magistrado daquele prestigio indispensavel á sua alta missão.

—As suas Memorias... as suas Memorias...

—Posso dizer-lhe que a mudança do regime foi muito brusca. Não havia preparação politica nem social. Os velhos estavam cansados, tinham trabalhado muito para a implantação da Republica. Surgiu uma camada nova... Houve, naturalmente, uma certa dificuldade de adaptação... Quando se implantou a Republica, ninguém queria ser chefe do protocolo. Agora constame que já há muitos candidatos...

Sobre a sua missão:

—O protocolo é a ordem e é interessante observar como as pessoas que menos o praticam são as que mais o exigem.

—Quando vêm personalidades estrangeiras a Lisboa, deve ter havido sempre uma *gaffe*, por pequenina que seja... Há politicos que não cultivam as linguas... que se descurdam a falar o francês...

Mais um sorriso com uma pontinha de malicia:

—Hã... hã... Mas não lhe posso dizer o que sei...

—A viagem ao Brasil...

—Sobre a viagem ao Brasil está tudo dito. A figura do Presidente deixou o resto da comitiva na sombra... absorveu por completo todas as atenções...

—A cerimonia da imposição do barrete cardinalicio...

—Creio que ninguém perdeu em ouvir missa. Aqueles que a ouviram com devoção não saíram de lá mais catolicos do que já eram. Os outros, nada perderam.

Como o leitor vê, há muito pouco escandalo, muito pouca coisa para rir e muito menos ridiculo do que alguma gente supõe. E' tudo velado—como numa fita tremida. E, no entanto, se o chefe do protocolo quizesse falar...

Pelos teatros

Recital Rey Colaço

E' na proxima terça-feira, 10, ás 9.30 da noite, que se realiza, no Salão do Conservatorio, o primeiro concerto organizado pela revista «Contemporanea».

No concerto, «Recital de Lieders», pelas distintas artistas D. Alice e D. Maria Rey Colaço, serão executados —além das deliciosas canções populares espanholas de Manuel de Falla—«Lieders» de Schubert, Brahms, Strauss, Respighi, Debussy, etc., e algumas das celebres «Enfantes» de Moussorgsky.

Este genial compositor, ha já quarenta anos, tentou e realizou, por fórma admiravel, musica impressionista e realista. Ele proprio definiu a sua musica: «a verdade á queima roupa».

Os bilhetes para este certamen estão á venda no Salão Mozart, Casas Sassetti e Valentim de Carvalho.

Atrás do reposteiro

No Nacional vai fazer-se, brevemente, «réprise» da notabilissima peça «Frei Luís de Sousa», cuja reaparição em scena produz sempre grande interesse no publico.

—Palmira Bastos realiza a sua festa artistica, que não faz ha dois anos, em S. Carlos, com a «réprise» da peça «Marionettes».

—Alexandre de Azevedo volta a reaparecer ao publico na «première», no Avenida, da peça do dr. Sousa Costa, «A Marquesinha», que se segue no cartaz á «Mulher do Juiz».

—Os dois principais papeis da comedia espanhola que se segue no Apolo á peça «Os Fidalgos da Casa Mourisca» são desempenhados por Maria Matos e José Ricardo. —A ida da actriz Vera Sergine ao Porto, está definitivamente resolvida, devendo os espectaculos, que são três, realizarem-se nos dias 16, 17 e 18 no Teatro de S. João, com as três melhores peças do seu repertorio.

—Os papeis criados pela actriz Pepa Ruiz no 1.º acto da revista «Tim-tim por tim-tim», quando da sua primeira representação no antigo Teatro da Rua dos Condes em 1898, serão desempenhados na sua «réprise» no Teatro S. Luis, a qual se efectuará no dia 26 do corrente em festa artistica do actor-empresario Armando do Vasconcelos, pela actriz Azuleira de Oliveira.

—No 3.º acto da opera de Verdi «Aida», que se canta no S. Luis, na noite de 20 do corrente em festa artistica da cantora Beatriz Baptista, toma parte além da home-nageada, a contralto Elvira Loureiro e o tenor Antonio Garcia.

SOCIEDADE DE BELAS ARTES

Alves Cardoso

III

Alves Cardoso é da velha escola do *Ar Lira*. E', essencialmente, o pintor da terra. Ainda que este ano os seus recursos artisticos, cor, tecnica, atmosfera se não desenvolvessem como seria de esperar, a sua ancia de trabalhar ampliou-se demasiadamente em oito amplificações da natureza. Temos que encetar severamente Alves Cardoso, com mais severidade que qualquer outro artista, devido ao seu nome.

Ainda que isto pareça um paradoxo nós afirmamos: os nossos paisagistas cristalizaram nas primeiras emoções da cor. Não sensibilizam a terra, não procuram estudar as transparencias atmosfericas; não observam a personalidade duma arvore, porque uma arvore, é a humana expressão da natureza. Dão o cadaver da terra, com as suas feridas de luz — mais nada. O sol é sempre o mesmo quente e vivo; o verde mantem-se, aspero e indefinível; a paisagem não anuncia nem traduz aquela emoção que o artista deve dar á natureza.

Pinta-se por pinta, com a tecnica, não com a retina. Monet estudava quinze vezes, e mais, o mesmo lugar. O tom local que já está posto de parte, porque a luz é lieta e só ela vive e vibra e intensifica a vida das coisas — existe ainda na tecnica dos nossos artistas.

Alves Cardoso procura estudar a natureza nos seus cinco quadros, mas desleixou-lhe a emoção; foye de pintar eus, sabe que um determinado tom quente de sol em que ele mestre, dá relevo, mas não procura estudar os reflexos imensos que volteiam entre a sombra e a luz.

O seu melhor quadro é a *Baixa de Chaves*. Infinito de perspectiva; vaporizações de uma erupção e grandes manchas de luz, cujos contornos se diluem admiravelmente na sombra. No *Tempo de Trovoada*, o primeiro plano é mal cuidado, anda ali um tom falso de verde e uma confusão inexplicavel de arbustos.

No estudo das figuras em que ele se procurou aproximar de Matisse, temos a notar: Nos *Oleiros*, o oleiro do primeiro plano mostra-nos uns braços defeituosos, com pinçolas hesitantes. Sente-se que Alves Cardoso os pinça apenas das mangas arregaçadas da camisa para baixo, não procurando saber o volume dos musculos sob o tecido. Quere dizer: começam ali; não vêm das axilas. O *Café Verde* é mais um retrato que uma intenção. Eis os reparos que dirigimos a Alves Cardoso severos talvez, mas explicaveis devido ao seu passado de artista. — A. P.

MATER

DOLOROSA

POR
FELIX CORREIA

«Quero ser Mãe! Quero sentir a Dôr
de ter, a palpitar-me nas entranhas,
o fruto virginal do meu amor».

—E os olhos tinham comoções estranhas,
e a sua voz perdia-se, implorando,
na solidão gelada das montanhas...

E a pobrezita, o olhar aos céus voltando,
la vivendo n'essa doce esperança,
de noite e dia, a suspirar, rezando...

«Dá-me um filho, Senhor! Uma criança
em cujos olhos veja reflectidos
os que eu amei com tanta confiança».

—E só os seus lamentos, repetidos
pelos écos da terra, respondiam
aos seus tristes clamores, aos seus gemidos...

E os seus lábios, em prece, maldiziam
os máus destinos que os seus sonhos lindos
e céus lentamente reduziam...

«Aleluia! Aleluia! Deus ouviu
as suas preces! Vai, enfim, ser Mãe!»
—disse a montanha e o vale repetiu.

Aleluia da carne! Triste: bem
que é, terna e luz, tortura e alegria
prazer místico e puro, do além.

«Vai ser Mãe! Vai, enfim, nascer o dia
que ha tantos anos longo vem sonhando
a sua mãe e louca fantasia!»

Das negras andorinhas vem chegando,
anunciando a primavera linda,
o caprichoso e saltitante bando.

E a prece nos seus lábios nunca finda:
«Manda, Senhor, que acabem os meus dias,
se o meu martírio te não chega ainda!»

«E o bosque, e as paisagens luxuriantes,
e a terra e o Mar, em seu louvor eterno,
vão entoando suaves melodias...

«Men Deus! Meu Deus! Porque me abandonaste?
Porque fustas destino, foi colhida
a flor pallida, e virgem que geraste?»

Porque razão, cruel a minha vida
não pôde a minha esperança acompanhar?
—bradava a pobre mãe dolorida.

«E os canticos dos bosques e da terra,
e a toda monotona do Mar,
cobriram de tristezas toda a terra...

«Men Deus! Qual o pecado vil, sem par,
que te coitetei, para sofrer assim,
a um tão fundo e fantástico penar?»

Meu bondoso, Senhor! Tem dó de mim!
Não me deixes viver como vivia,
numa tortura trágica, sem fim!...

—E, quando ao ocidente o sol morria,
a pobre mãe caiu, suavemente,
por sobre a campã, desmaiada e fria...

ANDORINHAS

POR
D. JOÃO DA CAMARA

Bemditas, foram chegando
As andorinhas da aldeia,
E já todo o alegre bando
Ao sol revêa e chilreia.

Escolhem beirais de casas,
Correm, doidas, os caminhos,
Nas fontes molham as azas,
Andam na faina dos ninhos.

Só de vê-las, luz viçosa,
A folha nova das faias,
Cada silva abre uma rosa
E florescem as olaias.

A beber a lantejoila
Do orvalho que o sol espalha,
O capuz duma papoila
Descerra a boca vermelha.

Fontes, que soltam queixumes,
Lirios que o sol abençoam
Mandam canções e perfumes
As andorinhas que voam.

Tudo é perfumes, amores
E suaves alegrias.
—«Bons dias», dizem as flôres;
Dizem as aves:—«Bons dias».

Ao doente de olhar triste
E já de quem desespera,
Gorgeiam:—«Tu que nos viste,
«Viste em nós a primavera.

«Em sombras más te definhas
«Dum mau sonho que te ilude.
«Nós somos as andorinhas
«E trazemos-te a saúde.»

Banhadas nos raios vivos
Do sol, em vales e montes,
Dizem aos lirios:—«Abri-vos!»
—«Cantai-nos!» dizem as fontes.

DESAMOR



No relógio de bronze, lentamente,
Tombam as horas uma chuva mansa.
Esval-se em nevoas que o misterio aloaça,
Nos longes do que fui, outro eu ausente.

Calou-se em nós o instinto da lembrança.
Já não falamos. Tristes, frente a frente,
Mergulhamos num extase inconsciente,
Ignorando o porquê desta mudança.

Damos as mãos numa indiferença calma.
Nossos olhos, descendo ao fundo de alma,
Vão perscrutando tudo o que morreu.

E é tão igual o nosso pensamento
Que, absorvido no mesmo esquecimento,
Sinto o teu coração bater no meu.

Oliva Guerra

CANÇÃO

PEREGRINA

POR
ALVES MARTINS

Bemditos sejam todos os caminhos
Que o nosso amor andou;
E a voz implume de escondidos ninhos
Que o nosso amor saudou!

Bemditas sejam todas as nascentes
Onde ele foi beber;
E as almas humildes dessas gentes
Que o viram nascer!

Bemditas sejam todas as ovelhas
Que o nosso amor cercaram;
E as rosas bravas, brancas e vermelhas,
Que todo o perfumaram!

Bemditos sejam todos os outeiros
Que ele, a sonhar, subia!
E os gritos de pastores e de carreiros
Que ele, encantado, ouvia!

Bemditos sejam todos os regatos,
De florida margem,
Onde, ao passar, fitava, sem recaos,
A sua linda imagem!

Bemditos sejam todos os outonos,
E todos os poentes
Que ele viu desmaiar, entre abandonos
E lagrimas ardentes!

Bemditos seja, enfim, toda a paisagem
Onde ele foi criado.
E a mais subtil, a mais divina aragem
Por que ele foi beijado!

Bemdito o nosso amor por ter nascido,
Bemdito a sua voz!...
Ele que é como Deus enternecido,
Sempre a velar por nós!

Bemditos sejam todos os momentos
Que ele, por lá viveu!
De bem com a terra, cheia de tormentos
Muito melhor com o céu!

NUNCA MAIS!

Reatar... Para quê? Seria uma loucura
e era manchar os nossos ideais
passados. Crê, que é uma maior ventura
relembrar gozos que não voltam mais.

Sonho d'amor é-nos mister sonhar
em plena posse d'alma e de paixão.
O noivo é morto. Antes, pois, deixai-o
na doce paz duma recordação.

do que imitar, vil e grosseiramente,
do amor o gesto creador, ardente,
desencantada, unir meu peito ao teu.

Laço que afrouxa logo a mente o esquece.
Beijo que esfria já não mais aquece
e nunca a mesma boca apeteceu...

Mercedes Blasco

Hoje — Sabado — Hoje
Reabertura do
Restaurant ROSA BRANCA
Rua Morais Soares
Aceio — Conforto — Luxo
TELEF. N. 2836

POLITAEMA
EMPRESA LUIS PEREIRA
COMPANHIA REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
Hoje — As 2,30
A peça de grande exito
O HERDEIRO
Em ensaios: — A LUVA DE RICARDINA.
Abre na 2.ª feira, 9, a assinatura para as 6 recitas da «tournée» oficial da companhia da Comédie Française, de que fazem parte os grandes artistas CECILE SOREL e ALBERT LAMBERT e o antigo sociário RAVET.

Tosses e Bronquites
Tomai Bronquitine o remedio
soberano e eficaz.
A' venda na Farmacia Portugal — Rua
Augusta, 216 e 218 e no deposito geral Olo-
doven Mendes. — Rua Arco Bandeira, 70,
3.º — Telef. C. 36.

A VIDA DE ONTEM

A condessa d'Edla

ou a cantora Elisa Hansler

Uma rápida evocação no seu jardim em ruínas

Que diria a condessa d'Edla, se nos recebesse?

A condessa d'Edla, perto de noventa anos, está fechada no seu palácio fechado—e não recebe ninguém. Só os íntimos—e estes, mesmo, nem sempre.

Quando ontem, ao anoitecer, entrámos no seu velho parque, onde já não havia sol—há quantos anos lá não dá sol!—e olhámos a vida arruinada das ruínas, ruínas em tudo, no silêncio, nas árvores, no palacete, lá ao fundo, na nossa alma, e no sol a morrer tão longe, pareceu-nos que ela vinha ao nosso encontro, era a voz do silêncio a sua voz, havia a noite enlutado os seus cabelos brancos!

Depressa, porém, se desvaneceu a quimera. Uns vasos partidos, herva a medrar tão á vontade como a má fortuna nas almas desamparadas, árvores tão edosas que as supozemos carcomidas já, um palacete escuro como a atrair toda a noite, um abandono rastejando na terra, como um verme, e abrindo, no ar, azas de agoiro, um frio quasi tumular, uma saudade da vida tão arrastada e tão longa, que parecia ser toda a saudade, emfim, uma submissão á tristeza do Tempo, á poeira e á cinza das horas, tão absoluta, que já não apetecia chorar, nem haveria lágrimas para tanto!

Que diria a condessa d'Edla, se nos recebesse e falasse?

Ha a casita pequena do porteiro—logo á entrada.

—Salve-os Deus—dissemos, pondo na voz, para cativar simpatias, usanças de trato beirão.

—Boa-noite—responderam, em frio eco. Entrámos, e a mais propiciatória claridade, conseguimos descobrir feições. Era o porteiro e, naturalmente, a porteira. Esta um bom par d'anos mais nova—e mais esperta. O velho um bonacheirão, coitado, amadurecido ao serviço da senhora condessa, mas sem tino nem jeito para falar.

—Eu, meu senhor, pouco sei. A gente deve pesar as palavras, como as laranjas. Estou ao serviço da senhora condessa ha muitos anos; tem sido muito boazinha para mim—é tudo quanto posso dizer.

A mulher, sentada ao canto da saleta, aprovava, com uns acenos de cabeça, as palavras ajuizadas do seu homem. Nós apertávamos o cerco. Queríamos saber da vida da condessa de Edla, mergulhar no seu misterio, na sua lenda, principalmente nos seus amores, que são sempre o melhor misterio das mulheres, e aqueles criados deviam saber tudo, assim eles quizessem falar!

Mas não. O velho repetira as palavras que dissera, agora mais espaçadamente, temeroso como nunca, o velhaco. E a mulher repetia, em estribilho barato, onde passava uma queixa de vida arrastada sabe Deus como:

—Se é muito rica a senhora condessa? Eu ficava governada, como a melhor das fidalgas, com a quinta parte do que ela tem. Se é rico o Domingos que o diga!

—O Domingos? Quem é o Domingos?

—O creado mais antigo da casa. Esse é que pode falar, se quizer.

—Não me palpita—resmungou, em voz de agoiro, o porteiro. Ele é assim...—e fez um gesto á indicar que era fechado como uma dorna.

Porém, fechado ou aberto, contumaz no silencio, ou decidido a falar, o Domingos representava ali uma esperança. A tal ponto que ordenámos ao velho:

—Vá chamar o Domingos.

O porteiro olhou-nos desconfiado, mediu-nos d'alto a baixo, gaguejou, disse que o Domingos devia estar a jantar, consultou a mulher, e largou.

Enchia já a noite, por completo, o jardim. Mal se descortava já, no fundo sombrio de árvores sombrias, a sombra longa do palácio. Um vento quasi de inverno sacudia as ramagens altas, punha arripios na treva. E nas

mangas de camisa, cheirando a vinho, tresloucado por aquela chamada tão misteriosa para o seu entendimento de humilde, servil em tudo, nas falas e nos gestos, o Domingos surge, como uma sombra da sombra.

Meia duzia de palavras nossas de convencimento. Esforço inutil, porém. O Domingos, desconfiado como os outros, apenas abriu o bico para dizer:

—Ha quarenta anos que estou ao serviço desta casa. Mas não sei nada da vida da senhora condessa. Sei que é boa, muito boa.

—Você sabe. O que não quer é falar.

Fracos criados ao serviço das nossas perguntas, estes criados da condessa de Edla. Desistimos. E abandonando a noite daquele jardim sem flores, ao barulho dos electricos, Avenida fora, nunca a vida nos pareceu tão digna de ser vivida!

O palacete de Santa Marta? A condessa de Edla? Alucinação, alucinação sem duvida. Pesadelos de noite mal dormida. O que havia, na verdade, era o palco de S. Carlos, e uma cantora, Elisa Hansler, exuberante de mocidade e frescura, corpo mais perfumado do que um pomar..



Condessa d'Edla

Olhe que não acontece mal nenhum á senhora condessa, nem a si. Todos nós respeitamos muito a senhora condessa. Não tenha medo, fale.

—Não sei nada, meu senhor, não sei nada.

—Como gasta ela os seus dias?

—Coitadinha! Gasta-os recolhida no quarto. Agora mesmo está de cama, doente. A velhice é de respeito, meu senhor. E a senhora condessa já está perto dos noventa.

—Você vai ter muitas saudades, quando ela morrer!

—Se vim para aqui tão novinho! Se ela me tem feito tanto bem!

—Vá, fale. Diga todo o bem que quizer.

Deve-se sempre dizer todo o bem que conhecemos e sentimos.

—Sim, a senhora Condessa faz bem a muita gente. Ouvi, um dia, dizer que foi ela quem pagou a Viana da Mota—o sr. conhecido, não é verdade?—um homem que toca dizem que muito bem—as despesas dos seus estudos em Paris!

—Vê, como v. sabe coisas?

—Por acaso lembrei-me disto agora.

E não foi possível arrancar-lhe mais nada.

Retrocedamos, se é possível, e vamos ao passado buscar a graça da sua primavera. Loira? Morena? A côr—infimo detalhe—pouco importa. Era bela, imensamente bela, não daquela beleza que se fixa em formas definitivas, onde a pureza parece cristalizar, como o silencio nos canais de Bruges, mas da outra, da que tem estremecimentos humanos, e é vida em movimento de expressões contínuas, fazendo gozar e sofrer para além de todos os limites, e enchendo de tonturas todo o espaço.

Adivinhemo-la em toda a sua beleza, viva e palpitante como o coração das árvores em abril, no palco de S. Carlos, onde já havia sofrido a Rosina Stoequo—a dramatica; onde já havia subido a linda voz, desacompanhada de expressões, de Clara Novelo; onde já havia exibido a harmonia ritmica do seu corpo, a pobre Luisa Bianchi; onde Genoveva Mantecelli, a bailarina dos divinos gestos, já sa-grara, de eternidade, a voluptuosa arte de Terpsichore.

A sua estreia em Portugal foi no Porto, no antigo teatro de S. João, tendo vindo, depois, trabalhar em S. Carlos por motivo da

doença de Luisa Bianchi, prematuramente morta aos trinta anos.

Quem lhe havia de dizer anos antes, ao chegar da Austria, sua terra, a este país todo embebido em sentimentalismos românticos, que numa noite ardente de S. Carlos, travestida no pagem Oscar, do *Baile de Máscaras*, havia de receber entre palmas de delirio e ramos de flores vermelhas, a paixão bohemía de D. Fernando!

Estava-se em pleno romantismo, *Werther* já se havia suicidado, o amor desesperado estava em moda, era a maior ventura morrer d'amôr... Isso não impediu, no entanto, que as bocas do mundo falassem, dando nascença ao escândalo.

Fleugmatico bastante, D. Fernando, já viúvo da rainha D. Maria II, ao que se dizia em surdina, respondia fumando, como se queimasse, na ponta do seu charuto, o veneno de todas as maledicências. Era artista de raça, príncipe da casa vencedora dos Coburgos, tinha alma, era belo, era forte,—e amava!

Breve Elisa Hansler abandona a carreira scenica. E em 10 de junho de 1869, por motivo do casamento morganático com D. Fernando, a que cantára, numa noite de *frisson* em S. Carlos, o *Baile de Máscaras*, travestida no papel de «Oscar», recebe o condado d'Edla e fica, naturalmente, condessa.

A historia segue. Deixamo-la seguir. Ha desgostos, ha a morte de D. Fernando, ha a herança de todos os seus bens. Fica rica. Nas *Novidades*,—era uma estrangeira,—Emidio Navarro, protesta.

Amarfanhada, a condessa de Edla chorou as primeiras lágrimas de revolta. E os anos vão passando, passando, até que a solidão a recebe, carinhosamente, e a vida para ela fica sendo um silencio perpetuo de árvores velhas, cançadas de dar flôr...

Faltam-nos dados para a fixação completa da sua alma. O que fica escrito, pouco é.

A possaromagem a Santa Martha, por demasiada reserva dos creados, resultou esteril, e não possuímos o dom de adivinhar. Mas as perguntas insistem no nosso espirito, numa curiosidade nada indiscreta á força de emotiva, tentando desvendar, profundar, conhecer, ir até ás cambiantes mais íntimas do sentimento e da sensibilidade, atraídos pelo misterio, como as borboletas pela luz.

Fixamos os mais pequenos detalhes. Voltamos a olhar as árvores, o silencio das ruas, o palácio abandonado, e de nove as perguntas ocorrem, succedem vertiginosamente na ansiedade do nosso espirito, e voltamos a querer saber, a querer saber, a querer saber, o que foram estes noventa anos decrepitos, quando a primavera era linda e cantavam rouxinóis nas balseiras. Ante a Vida, ante o Amor, que teria sentido a alma da condessa de Edla, ou antes, a mocidade de Elisa Hansler?

Teria sido, na verdade, uma grande amorosa, no seu mais humano sentido?

A esse convencimento nos leva uma anedota que Raul Brandão nos conta nas *Memo-rias*.

Refere-se a Silva Pinto—sobretudo á pobreza de Silva Pinto. De vez em quando, o amargurado prosador de tantas paginas amargas, socorria-se da bolsa da condessa, que o não conhecia, mas que lhe enviava libras, muitas libras...

Uma tarde, porém, no «atelier» de Columbano, a sua atenção fixa-se demoradamente num retrato. E' Silva Pinto—confessou e mestre. E a condessa logo:

—Então este é que é?...!

Houve um silencio. Nem uma palavra mais sobre o retrato. E a partir dessa tarde, o pobre Silva Pinto nunca mais recebeu as libras da condessa.

Tinha-se fechado a alma da antiga cantora de S. Carlos!

Alves Martins

(Cliché Bobone).

BANCO COLONIAL PORTUGUEZ

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SÉDE

Endereço telegrafico:
«PROCOLONIA»

RUA AUREA, 175-191
LISBOA

Telephones:

Direcção . . C. 3840
Gerencia . . . 3841
Expediente . 3842

CAPITAL AUCTORIZADO: ESC. 100.000:000\$00
CAPITAL REALIZADO: ESC. 20.000:000\$00

SUCCURSAES

AFRICA OCCIDENTAL

S. Vicente (Cabo Verde)
S. Thomé
Loanda
Benguella

ILHAS ADJACENTES

Madeira—Funchal (em organização)

GUINÉ

Bissau (em organização)

AFRICA ORIENTAL

Lourenço Marques
Inhambane
Moçambique

EFFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS:

Descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo, em moeda nacional ou estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambias e de moedas e notas estrangeiras, pagamentos por ordem telegrafica ou por correspondencia, cartas de credito em moeda nacional ou estrangeira, ordens de bolsa no Paiz e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, empréstimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc., etc.

PRINCIPAES CORRESPONDENTES:

PAIZ

PORTO, BRAGA, CHAVES—Pinto & Sotto Mayor

ESTRANGEIRO

LONDRES—London Joint City & Midland Bank, Ltd.

PARIS—Banque Nationale de Credit

BRUXELLES—Banque du Congo Belge

BERLIN—Deutsche Bank

NEW-YORK—Guaranty Trust Company of New-York

GENOVA—Banco di Roma

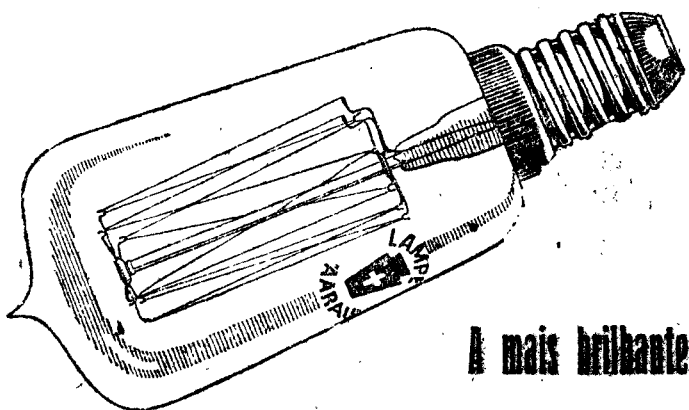
RIO DE JANEIRO—Banco Portuguez do Brazil

MADRID—Banco Calamarite

Rede completa de correspondentes em todas as localidades do Paiz, ilhas adjacentes, colonias portuguezas e em todas as praças do estrangeiro

Lampada Aarau

A mais económica



A mais brilhante

UNICOS REPRESENTANTES

PARA

Portugal e Colonias

SOCIEDADE COMERCIO NACIONAL, L.^{DA}

59, R. NOVA DO ALMADA, 1.^o

Banco Portuguez e Brasileiro

LISBOA

FUNDADO EM 1891

Telefones L. { Expediente: 531 } Telegramas — BRAZILEIRO
Direcção: 4308

Códigos A. B. C. 4.^a e 5.^a edição e Ribeiro

Capital . . Esc. 10:000.000\$00

Reservas Esc. 10:400.000\$00

FILIAL NO PORTO

PRAÇA ALMEIDA GARRETT

Agentes em todo o paiz

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES PRAÇAS DO MUNDO

Depositos á ordem e a prazo em moedas portuguezas e estrangeiras

Compra e venda de cambios

Cartas de credito e circulares sobre todos os paizes

Operações bancarias em todo o genero

HUMORISMO SPORTIVO

Como se pratica o "sport"

NO OUTRO MUNDO

O que se passa no "Paraíso Sportivo"

POR CARLOS SERGIO

Que sonho esquisito eu tive, na noite de ante-ontem para ontem!

Uma arena imensa... Mas onde vira eu já, aquele amontoado de bancadas, aquele amontoado de cabeças? E de subito, lembrei-me... O «match» Dempsey-Carpentier... a arena da Jersey City...

Mas por que acaso, por que sortilegio, me encontrava eu, sentado a um canto de «ring», de luvas de quatro onças, calçadas, cercado por meia dúzia de latagões arruivados, em mangas de camisa, encorajando-me num inglês mal mastigado:

—A good fight, you know? Hallo Charlie, go on, and bravely!

Mal se imagina a minha surpresa ao ouvir o «speaker» anunciar:

—Charlie Serge, critico sportivo!

E depois, em voz mais grossa:

—Jack Dempsey, campeão do mundo, que desafiou Mr. Charlie Serge, para lhe provar que é um pouco mais difícil executar, que criticar...

Senti um arrepiosinho muito desagradável, a subir-me pela nuca. E de mim para mim, conclui baixinho, que mestre Dempsey tivera uma bem estapida ideia.

O arbitro chamou-me. Tentei protestar, mas o homem começou logo com as recomendações do estilo. Fiquei sabendo que não podia fazer ao adversário, qualquer destas três coisas: mordê-lo, assa-lo com as luvas ou meter-lhe um dedo na bôca. Voltei para o meu canto, com uma esperança a menos, e um arrepiosinho de medo, a mais.

O «gong» soou. Os «segundos» puxaram pelo banco, ex-cadeira de braços, em que me encontrava sentado, e o colosso americano avançou para mim, com uma cara de pantera na disponibilidade.

Astes mesmo que eu tivesse tempo para lhe pedir que me não batesse na cara, por ser ela uma das minhas mais gratas recordações de família, o bruto deu-me um murro na pança, que me deu a impressão de me ter partido todos os dentes da bôca do estomago.

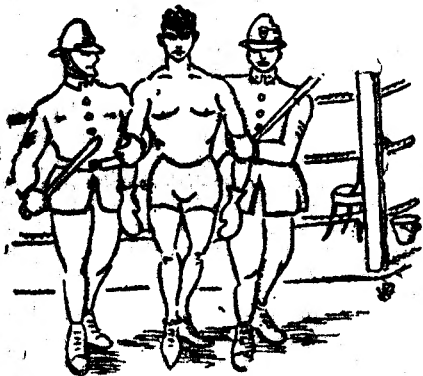
Encostei-me às cordas, alagado em suor frio, e já a fazer contas ao preço do meu caixão.

—Está mal disposto?—perguntou-me o arbitro.

—Não senhor. Estou moribundo!

O juiz voltou-se para o adversário:

—Não é nada. Pode continuar.



O fim foi rápido. O campeão do mundo dos brutos, avançou de novo, e deu-me o mais formidável «côté-uppercut» que jamais fora dado em todas as Americas, descobertas e por descobrir. Tive a nitida impressão de que a cabeça se me despegara dos ombros; e caí desamparado, numa poça de sangue, batendo com a cabeça contra um dos postes do «ring» —creio que era a mesinha de cabeceira.

O arbitro começou:

—«One!... Two!... Three!... Four!... Five!...»

Estava decerto a contar os bocados em que eu ficara desfeito.

Cá por dentro, eu sentia passos. Era a minha santíssima alma que abandonava o corpo esmagado, por não poder continuar a testa do estabelecimento.

Nem sequer tive tempo para oferecer, aos

meus «segundos» daquele minuto de angustia, o meu limitado prestimo no cemiterio do Lumiar, para onde seguira, vitima da critica, pela rua da Imprensa Nacional.

E enquanto a minha alma subia ao céu, ainda distingui vagamente Dempsey abandonando o «ring», acompanhado por dois «polí-cemen» que o levavam para o «Penitenciaria-Palace», como qualquer cabo Moreno, ou como qualquer «Assanhado».

* * *

Estava S. Pedro á porta, quando eu cheguei ao céu. Quando lhe declinei o nome, o santo porteiro ficou de olhos em alvo, como que a recordar-se.

—«Carlos Sergio?... Carlos Sergio?... Tenho uma vaga ideia de ter já visto esse nome, algures. Ah! agora me lembrei! O senhor não escreve no «Diário de Lisboa?»

Pasmei. Até no céu ele é lido!!!

—«Escrevi, santo escrevi!»

—«Então, tem entrada franca.»

E teve quatro frases de elogio:

—«É um jornal muito simpático. E muito lido por cá! Todas as noites, quando por aqui passa o garoto dos jornais, não tem mãos a medir. Começou até há pouco, a ser cá publicado um jornal á sua semelhança. E S. Pedro mostrou-me o «Diário do Paraíso» —a 3548.ª copia do «Diário de Lisboa».

—«Pois o senhor vai para o Paraíso Sportivo... De que se admira? Isto está dividido em talhões, conforme os gostos de cada um. O senhor gosta de «sport» —logo vai para a secção dos sportivos. E por ali...»

E apontou uma vereda florida.

—«Não trás consigo o cartão de imprensa da A. F. L.?... Trás! Pois isso chega. Está lá á porta o Santos Barão. Mostre-lho, e ele o deixará passar.»

* * *

Quando entrei no Paraíso Sportivo, tive um deslumbramento. Aqui, terrenos de jogos; além, pistas de corridas. á direita «courts» de «tennis»; acolá, campos de «foot-ball», campos de «hockey», de «golfe»...

Para cada fado que me voltasse, só via atletas: correndo, saltando, lançando... Isolados, aos quatro e quatro, em grupos...

Encostei logo um colega jornalista, que se prontificou a servir-me de «cicerone». A minha iniciação, naquele mundo ideal, começou.

A um canto, «rings» de «box»; «punchings-balls»; sacos de areia, a oscilar, suspensos de amendoeiras em flor. Lá estavam, treinando: Fitzsimmons, Stanley Ketchell, Broughton, e tantos outros...

Tive até a alegria de ver uma demonstração entre Sullivan e Sam Mac Vea, sob as vistas «arbitrais» de Alec Corbett e de Belly Jourdan.

Dei uns passos mais. Passou por mim, como um bolido, um corredor. O meu gentil cicerone murmurou:

—Jean Bouin! Anda tentando bater o seu «record» da hora.

Outros passaram: Weffers, Faillot, Hutchens...

Mais além, Ralph Rose lançava o peso. Fui medir o lançamento: 16^m,56. O seu «record»! —o «record» do mundo, jamais batido, jamais igualado!

Depois, um campo de «foot-ball». E era vêr com que correcção os 22 homens jogavam, sob as vistas complacentes do Padre Eterno, que também é um «sportivo», e que lá do alto arbitrava, de apito ao canto da boca, a marcar de onde em onde um «off-side». Nas linhas de «touche», dois anjos voavam —para lá, para cá, acusando de bandeirinha ao alto, as bolas fóra.

Fômos andando, andando sempre — que aquela parte do paraíso parecia não ter fim.

BAIRRO CAMOES

Dr. A. Narciso
Do Hospital de Santa Marta
Rua Nogueira e Sousa, 17
(Ao Luciano Cordeiro)

Um atleta alto, de formas correctas; elá-mide branca e curta, á grêga, passou por nós, sobraçando um disco, como se fôsse uma pasta de ministro. O meu companheiro chamou-o e apresentou-me:

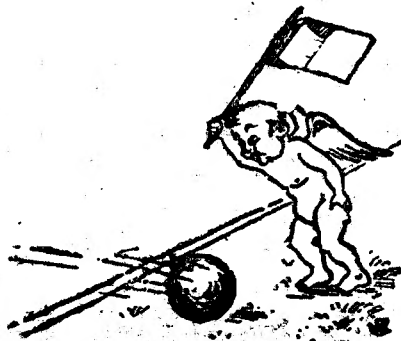
—O Discobolo!

—«Como?»

—«Sim! Aquelle que serviu de modelo á estatua celebre que está lá em baixo na Terra, no Louvre, creio eu.»

Inclinei-me.

—«Muito praser em conhecê-lo em carne e osso! Perdão! Em alma e disco!»



Conversamos. Pedimos-lhes que nos dissesse alguma coisa do sport do seu tempo — dos tempos heroicos do sport — 450 anos antes de Cristo.

Durante meia hora, ouvi a exaltação do sport da Grecia: os jogos olimpicos em honra de Zeus, as corridas de carros, o «pentatlon», os pugilatos, façanhas inenunciáveis...

Falei-lhe do sport actual. O Discobolo teve um sorriso ironico.

—«As vossas proezas! Os vossos «récorde»! Que miserias!»

Teve um entusiasmo. Foi a um poste de saltos e disse-me:

—«Ponha a vara á altura do vosso maximum.»

Assim fiz. O homem tomou balanço — pousou — e saltou sem esforço aparente. O corpo passou direito, meio metro acima da vara, e caiu, ágil, de pernas flexíveis.

—«E não é a minha especialidade» —rematou.

Fiz-lhe um rasgado elogio.

—«Isto não tem valor. E'ramos todos assim.»

«No disco, sim! No disco fui eu campeão! Quer vêr?»

Pegou no disco, ageitou-o, deu uma volta sobre si mesmo e a roda de ferro saiu-lhe da mão como uma seta, horizontal, e foi pela imensidade fora, voando, até cair lá longe — tão longe que mal se via.

Apertei-lhe a mão, doido de entusiasmo.

Teimei, porém, em convencê-lo do valor dos nossos «sportsmen». Nem se dignou responder-me.

—«Mas nós, temos os «sports» de «équipes»...

—«Tambem nós os tínhamos.»

—«Temos os «sports» novos, em que ha centenas de «azes». O «foot-ball», por exemplo.»

—«O «foot-ball»? Tambem nós o fizemos e bem. Não lhe chamavamos assim, mas nem por isso o jogavamos peor.»

Tenho que confessar que me custou a engulir aquella. Tive a impressão de que o senhor Discobolo estava a chuchar comigo. Mas ele continuou, impassivelmente:

—«E então arbitros! Se o Rebelo da Silva os visse, cortava a coleta. Posso afirmar-lhe que em meticulosidade nem o Rogerio Peres lhes chegava.»

Economia e higiene no calçado
citem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.^{da}
74, RUA DO CARMO 74

—«Clubs de grande valor, não é assim?» —preguntei.

—«Sim! Sim! Havia então, dois grandes clubs, os maiores, os mais antigos, os mais gloriosos. Eram o Sporting Club da Hellada e o Sport Athenas e Corintho. Rivais desde o inicio; rivais de sempre! Os «verdes» e os «vermelhos»...

O Discobolo entristeceu. Passaram-lhe no rosto, sombras de saudade.

—«Desenas de vezes finalistas, que de matches heroicos disputados! Os ultimos desafios a que assisti, antes de adoeecer para a morte, foram jogados contra estrangeiros. Os dois clubs rivais mandaram vir um grupo estranho de muito longe, dos confins da Tracia ou da Illyria — já me não recordo bem.

«Custou a brincadeira, umas 18.000 drachmas. O primeiro dos rivais que jogou com os barbaros do Norte, foi o Sport Athenas e Corintho — empatou.

«Depois coube a vez ao Sporting Club da Hellada. Este, jogou colossalmente, como ainda não jogara durante o campeonato, e ganhou!»

O Athenas e Corintho pediu para fazer novo «match». O senhor não imagina o que foi aquella primeira parte, que terminou com 3 a 0, a favor dos Athenienses, depois dum «association» brilhantissimo. E apesar de lhe faltarem alguns dos melhores elementos, entre eles o «ponta esquerda», que era do melhor que havia na Grecia, os «vermelhos» ganharam, quasi igualando — a diferença foi dum «goal» — a vitoria do Sporting Club da Hellada — rival desde o inicio, rival de sempre!

«Para o desafio de despedida dos estrangeiros, organisou-se uma selecção dos dois clubs, ainda reforçada com elementos dum terceiro agrupamento. Pois a selecção perdeu!»

—«Que me diz, senhor Discobolo? Agora me convenço que V. Ex.^a tem estado a mangar comigo.»



—«Garanto-lhe que estou falando verdade. E compreende-se. Enquanto defenderam as côres dos seus «clubs», os homens jogaram com entusiasmo, com «élan». Uma só vontade, um só desejo: conseguir melhor resultado que o rival.

«Quando seleccionados, perderam todo o interesse no resultado e perderam tambem o «match».

«Tão grande rivalidade ela era, tão grande, que até jogando com estrangeiros, os dois grupos jogaram, afinal, um contra o outro, apoiados pelo entusiasmo de milhares de clubistas!!!

«Rivais desde o inicio! Rivais de sempre!»

O sr. Discobolo calou-se e eu acordei, estremunhado com o seu silencio. Meio embriado ainda com tantas proezas, resolvi tambem bater um «récorde» — e bati-o!

Eu, que me levantei sempre depois das oito horas, puz-me hoje a pé ás sete e três quartos, para escrever esta cronica.

Muito obrigado, pelos parabens.

Carlos Sergio

(Desenhos de Valentim Bravo).

OS NOSSOS ESCRITORES

COMO VIVE E TRABALHA

RAUL BRANDÃO

O AUTOR

DAS "MEMORIAS"



A SUA VIDA EM FAMÍLIA

NO BAIXO MINHO

DESCRITA

PELO JORNALISTA

Foi por uma tarde diluviana de novembro que Raul Brandão veio, fidalgamente, hospitaleiramente, abrir-nos a porta de sua casa. O automóvel levava-nos de Guimarães sob uma chuva constante, que alagava a estrada de Vizela em bategas caudalosas e cantava nas folhas das árvores o hino fecundante da seiva.

O Minho, em novembro, é lindo. O verde, pintado de fresco pela mão de Deus, tem a nostalgia doirada do sol. A beira das estradas, o vermelho incendiado, sensual, pagão e quente dos pampas perturba. Vindimados de fresco os cachos reluzentes, as folhas cantam o psalmo plangente da agonia, enquanto o doce mosto se vai transformando em tanino, em glicose, em espuma doirada, em alegria de viver.

As crianças que brincam nos alpendres, à beirinha dos casais pequeninos e humildes que orlham a estrada, suspendem por um momento os seus brinquedos inocentes e ficam-se a olhar o automóvel que passa, a fugir da chuva e do ladrar cães, dos como uma estrela cadente na imensidade azul.

Chove torrencialmente, chove alegremente, chove sempre. Confesso que nenhuma chuva me agradou mais ainda do que aquela que caiu, impiedosamente, sobre a capota do nosso automóvel, em certa tarde distante de novembro, na estrada de Guimarães, parando a cada momento a perguntar a toda a gente onde morava o sr. Raul Brandão.

—O sr. Brandão é além, na Quinta da Nespereira.

Ha uma igreja humilde, quintarolas alegres debruçadas pelas encostas, fumo de casais, homens que falam do tempo à porta de uma venda, hortas onde cresce o milho, videiras que noivam o tronco carcomido dos ulmeiros, rumor de rocachos nos estabulos e uma paz bíblica, serena e augusta que se estende como um lençol de neve à superfície da terra.

Numa volta da estrada, o automóvel pára. Deve ser ali. Por entre os ramos das árvores, adivinha-se um lar. Porque a literatura de Raul Brandão não se compreende sem um lar. O lar é a finalidade do homem sobre a terra. É o amor, é a luz, é o pão, é o fogo, é a dor, é a alegria, é a tristeza, — que não deixa de ser também alegria — são os nossos livros, são os nossos quadros, são as nossas ilusões.

Felizes dos homens que conseguem ter um lar, porque estão mais perto da Verdade, da Beleza e da Bondade de Deus.

* * *

A Quinta da Nespereira é a tebaida do escritor. Casinha humilde, muito branca, com trepadeiras a subir pelas paredes, quasi escondida entre um montão de roseiras e de glicínias, flores no jardim a cachos doirados na latada, é ali que Raul Brandão vive, longe da poeira incômoda da civilização, entre os seus livros, na doce paz dos seus amores. Foi ele que nos veio abrir a porta. A visita surpreendeu-o, por inesperada.

—Estava longe de supor...

Eu não conhecia o escritor elegante e irreverente das *Memorias*. Mas já a minha admiração lhe rendia culto.

O Norberto de Araújo apresentou-ma. Explicámos então como tínhamos ido em piedosa romaria, sob a inclemência do céu que se

voltava contra nós, até aos santos lugares onde o autor dos *Pobres* vive como um lavrador minhoto, entre as uvas doiradas que ele proprio cultivou, enxertando no tronco americano a vide nacional, e a Catedral de beleza dos seus livros, que ele esculpiu em mármore divino para deixar em testamento às letras portuguesas.

—Mas vocês não jantaram ainda... Confessámos que não, que ainda não tínhamos jantado.

—Pois vai fazer-se o jantar. Eu sigo a tradição da provincia: levanto-me cedo, almoço cedo, janto cedo, e, em geral, deito-me tarde.

Tínhamos surpreendido o escritor em plena vida de familia e com visitas em casa. Visitas também de familia: um cunhado, uma sobrinha, outra senhora, que se despediram logo que chegámos, deixando-nos em plena liberdade com o espirito scintilante e amigo de Raul Brandão.

Naquela rez-do-chão aconchegado, amplo, hospitaleiro, fôfo de tapetes, rodeado de estantes e aquecido pela chama sangrenta do fogão, onde o escritor faz a maior parte da sua vida, passa em cortejo ululante de dor e de angustia toda a obra de Raul Brandão.

Ha um precioso contador chinês, de laca vermelha, com lindas incrustações doiradas, onde se guardam os originaes. Em cada gavetinha seu livro, ainda em folhas largas de papel almasso, povoadas de uma letra rasgada de mulher, porque Raul Brandão não escreve, dita. Passeia e fuma constantemente uns cigarritos delgados de tabaco francês, que lhe despertam a memoria e o ajudam a passar o tempo.

É a senhora, para quem vai nesta hora de evocação o nosso melhor cumprimento pelo delicioso jantar que as suas mãos de fada cosinharam e pela alvura dos seus lençóis de linho, a denunciarem o rosmarinho e a alfazema, é a mulher do artista que lhe escreve os livros e o acompanha sempre para toda a parte, como um anjo da guarda em figura de mulher. Porque Raul Brandão viaja. Os seus olhos não se resignam ao limitado horizonte da Nespereira.

Encostado ao escano minhoto ou dando largos passos pela casa, dita. E o *Humus* vai surgindo em toda a sua formidável beleza, e a *Farça* vai cobrindo de dor e de miséria as largas folhas de papel almasso, e as *Memorias* vão-se fixando para uma eternidade em paginas imortais, e a ideia corre veloz à superfície do papel, numa letra feminina, rasgada, legível e clara como o proprio pensamento.

* * *

A caricia amiga do fogão, naquela serenidade augusta da tebaida modesta do escritor, o pensamento corre suavemente como um fio doirado de azeite de branca almotolia.

A alma de Raul Brandão, feita de clarões imorredouros de genio e de gritos revoltados de angustia, onde sonham, estremecem, palpitam, o Gêbo, a Sombra, o Gabirú e todo o cortejo formidável de dor e de miséria que atravessa blasfemando as paginas scintilantes dos seus livros, a alma a um tempo simples e complexa do escritor, do poeta, do artista, revela-se-nos em beleza humana, ingenua e clara como um sorriso de bambino.

A sua figura alta, ligeiramente curvada, olhos pequenos e vivos, sorriso de bondade nos labios finos, mascara expressiva, cara rapada, mãos magras e dedos compridos alpin-

gando-se para a chama do fogão, inclina-se mais sobre o lume e contempla, estabelecendo um paralelo entre o fogo e a vida, o noivado da flama com a braza que se desentranha em calor.

Enquanto a mão hospitaleira do anjo que lhe guarda o lar vai cobrindo a mesa de alva toalha de linho, Raul Brandão lê-nos uma das suas peças, *O avejão*, onde passa uma vida inteira de mulher consagrada inutilmente à virtude e à cega obediência dos estereis preconceitos de que a vida se rodeia.

É ao teatro que o escritor se tem dedicado ultimamente com mais amor. Teatro para se ler, num recolhimento augusto de Catedral, teatro de almas e de paixões, teatro de ideias, teatro de garra, teatro de genio, teatro que oscila todo entre o misterio eterno da Vida e da Morte. Tem já algumas peças concluidas e vai brevemente publicá-las em volume.

—Crê que o seu teatro se pode representar?—preguntou-lhe um de nós.

—Estou convencido de que pode. O Chaby, que ouviu ler com muito interesse uma das minhas peças, tinha-me prometido que a representaria. Parece, no entanto, que surgiram dificuldades ou que o esquecimento caiu sobre ela e já agora não tenho pressa de a ver em scena.

Raul Brandão, que marcou no jornalismo literario uma epoca brilhante, fala da nossa profissão, que foi também a dele, com estereotipado carinho, com amor e com saudade.

—Em toda a minha obra, se alguma coisa vale, não fiz senão jornalismo. Fui jornalista nos *Pobres*, fui jornalista na *Historia de um palhaço*, fui jornalista na *Farça*, tenho sido em tudo quanto escrevo apenas jornalista.

E fala-nos de jornalismo, como ele entende que deve ser feito, com a alma, com os nervos, com o espirito, com um amor igual àquele que se tem a uma mulher, a um lar, a um quadro, a um livro, a uma escultura. O jornal deve ser tudo para nós: mulher, lar, quadro, livro, escultura. Jornalismo feito de emoções e de impressões, tão elegante, leve e rendilhado como espuma crepitante de champagne. Mas sempre com elegancia moral, com honestidade, com lealdade, com sinceridade, embora muitas vezes com irreverencia. É pouca gente como Raul Brandão soube ser mestre dessa elegancia moral, dessa honestidade, dessa lealdade, dessa sinceridade, dessa irreverencia.

* * *

Na ampla sala de jantar, clara, confortavel e mobilada com sobria elegancia, um vinho topasio da ultima colheita encheu as taças de cristal. Raul Brandão, para nos ser agradável, acompanhou-nos ao jantar.

—Não é meu costume comer á noite. Lá vai hoje por festa...

E fizemos honra, os três, ao delicioso jantar minhoto, preparado com sabia elegancia culinaria pela mulher do artista.

No dia seguinte, logo de manhã, fomos provar-lhe á latada o moscatel de grandes bagos doirados, reluzente como uma iluminação de missal antigo, e mais doce que o mel das colmeias de Hanaam ou as passas de Engadi.

O historiador irreverente das *Memorias* vive para a sua quinta e para a sua casa como um artista para o seu sonho de beleza. Naquela recanto do Minho verdejante onde construiu o seu lar tudo lhe sorri: a natureza em perpetua festa pagã, o sol rutilante, as ermidinhas

brancas que se elevam no alto dos montes, as flores do seu jardim, as uvas da sua vinha, o carinho da familia e o amor dos seus livros.

Vive em plena beleza, humana e cristã, como um asceta na sua cabana humilde construída á beira do deserto.

É em frente da natureza, casando o homem com o universo, a arvore com a terra, o pensamento com Deus, que a sua alma visionaria compreende melhor a vida assombrosa que palpita numa raiz, numa flor, num bago de uva, num grão de areia, na asa dum insecto, no vôo duma andorinha ou na expressão dolorida duma face que se contrai em *ricus* da agonia.

Raul Brandão sente por nós todos a dor universal. É uma alma feita da dor macerada e dilacerante de mil almas.

E quem o vê, tão simples, tão acessível, tão humano, na apparencia tão pouco autor da *Farça*, não pode imaginar a tempestade de sarcasmos, de gritos, de vivos, de improperios, que lhe vai dentro da alma, espelho e fonte originaria de outras almas que andam errantes pelo mundo como Asheverus ou presas á grilheta confrangedora do seu supplicio como Tantalo, sofrendo, gemendo, blasfemando, em gritos dilacerantes de dor e de agonia.

* * *

Na vespera, falara-nos, encantado pela beleza do assunto, do livro que está escrevendo, *Os pescadores*.

Preguntámos-lhe se pensava em escrever outros livros, alargar o seu pensamento a outras esferas, tentar um novo genero de literaturá, embora soubessemos que isso seria quebrar a unidade da sua obra.

Respondeu que não, que depois de escrever *Os pescadores* e publicar os seus dois volumes de *Teatro* e o segundo das *Memorias*, que está concluido, dava por finda a sua missão de escritor—ele diz que escreve apenas para passar o tempo—e ia refundir a sua obra, fazendo novas edições dos livros que estão esgotados.

O ultimo volume das *Memorias* não será publicado em vida. Raul Brandão guarda-o inédito até á hora da sua morte, que ainda vem longe, e será depois uma voz profetica de além-tumulo, mixto de Hamlet e de Isaías, a revelar aos homens o mundo de lama, de ignominia, de intriga, de traição, de inveja e de odio em que se espojaram como hienas num esterquilinio.

* * *

O trem esperava, lá em baixo, para nos levar á estação de Vizela.

O autor dos *Pobres*, que cresceu para mim em admiração e em beleza espirital, veio acompanhar-nos até á estrada.

E a sua figura enorme, engrandecida a meus olhos pela quantidade de harmonia que a sua vida resume, ficou ainda a dizer-nos adeus até o trem desaparecer numa volta do caminho.

—Que tal achaste o Raul Brandão?—preguntou-me o Norberto.

—Um gigante que vive quasi ignorado num país de pigmeus. Era assim que eu gostaria de viver e de escrever — respondi-lhe eu.

Norberto Lopes

TEATRO SÃO LUIZ

Empresa A. Ramos, Ltd.

Companhia francesa

da grande actriz VERA SERGINE e do notavel actor PIERRE RENOIR

Continua aberta de 1 ás 5 da tarde, ao escriptorio do teatro a assinatura para as 5 únicas rociadas da companhia da grande actriz VERA SERGINE.

DR. ARBUÉS MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS ÁS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

"VASPAEL"

GRANDE LICOR DE SOBREMESA

DEPOSITO GERAL

70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º

TELEF. C. 1196

Entero colite crónica — Seu tratamento

ESTORIL-TERMAS

Nacional

HOJE ás 21,30

Tel. N.º 3049

Brilhante successo

Soberbo espectáculo

A representação da comedia em 3 actos

tradução de José Sarmento

A COMEDIANTE

Primoroso desempanho de todos interpretes

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

NOVAS DE LONDRES

O RECEIO DA INGLATERRA ACERCA do poderio naval e aereo DA FRANÇA

LONDRES, 7

A «Westminster Gazette» e o «Daily Chronicle», referindo-se ao discurso do ministro da Marinha da França, diz que se mostram apreensões acerca do poderio naval e aereo da França, a qual pretende possuir uma esquadra moderna de cruzadores e submarinos e tem desde já uma grande superioridade de aviação. Os citados jornais fazem acentuar que tais armamentos não encontram suficiente fundamento no pretendido perigo alemão, mas são dirigidos contra a Inglaterra. — (R.)

A Inglaterra

não concorda com a França?

LONDRES, 7

O sr. Loucheur, ex-ministro francês, partiu ontem para Paris. Numa entrevista concedida aos representantes da imprensa, declarou que não era oficialmente que vinha à Inglaterra para estudar a opinião publica. O sr. Loucheur manifestou a maior satisfação pelas impressões colhidas acerca dos sentimentos dominantes na Inglaterra para com a França. Declarou que encontrou por toda a parte a maior amizade pela França e o povo francês. Disse expressamente que «a Grã Bretanha não está com a França no Ruhr, mas não está contra ela». — (R.)

Pastelaria Versailles

Avenida da Republica --- Tel. 3219-N

A mais chic e mais bem montada de Lisboa

Além do optimo serviço de chá e café tem um esmerado serviço para casamentos.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Banco Emissor das Colonias
Sociedade Anonima de Responsabilidade LimitadaSéde em Lisboa — RUA DO COMERCIO
Agencia em Lisboa — CAIS DO SOBRÉCAPITAL SOCIAL — 48.000.000\$00
CAPITAL REALIZADO — 24.000.000\$00
RESERVAS — 27.200.000\$00

Filiais no Continente — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Évora, Faro, Estremoz, Famalicão, Fátima, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Miranda, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Rego, Santarém, Setúbal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizos.

Filiais nas Ilhas — Funchal, Ponta Delgada e Angra do Heroísmo.

Filiais no Estrangeiro — Paris — Rue de Helder, 8, Londres, 9 Bishopsgate.

Filiais nas Colonias — S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Príncipe, Canárias, Kinshasa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte, (Bihé) Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Góia, Bombaim (Índia Inglesa) Macau e Dili.

Filiais no Brazil — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

Recomendam-se as filiais deste Banco do Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal. Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do Mundo. Operações bancárias de todos os generos: compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os países do Mundo.

NO DIA DO ANIVERSARIO

O "Diario de Lisboa" tem cumprido o seu dever

Esta pagina vista após dois anos de labuta

Já lá vão dois anos de labuta; e, deixem-nos confessá-lo, nem por isso nos sentimos cansados desta porfia de todos os dias, de todas as horas, de todos os momentos, a que nos obriga o dever de informar, com oportunidade, os leitores, do que vai alem fronteiras e os possa interessar. Não que a tarefa não tenha o seu quê de penoso, e não nos pese, por vezes, como uma responsabilidade grande, ao tracejar a actualidade que os senhores lêem num ápice, porque nós temos sempre o cuidado de ser breves para os não massar. Mas é que, a par da compensação moral que nos vem do dever cumprido, outra circunstancia serve de estímulo ao nosso esforço; e — essa, é a certeza de que a justiça dos leitores não nos faltará, ao reconhecerem que é por eles que nós passamos horas a esmiuçar no noticiário do estrangeiro o caso que lhes agrade ou a informação que lhes aproveite, a opinião que melhor lhes oriente o criterio, ou o pormenor que mais lhes desperte o interesse.

Certo é que faz hoje dois anos que o *Diario de Lisboa* aqui tem estado a registar, dia a dia, sem uma falha e sem um desfalecimento, tudo quanto a actualidade internacional tem tornado digno de registar-se.

E assim, vejam os leitores como esta pagina pode tornar-se, ao fim de dois anos, transcursos, como que o indice cronologico de tudo quanto, neste já bem longo lapso de tempo, foi motivo de emoção para o mundo ou foi razão de interesse para a vida portuguesa.

O que lá vai! Toda a complicada série de realidades e de problemas que caracterizam a incansável porfia da post-guerra; a Europa inteira focada aqui em toda a vastidão enorme dos acontecimentos que a fizeram vibrar; o facto politico e o facto militar; a conferencia diplomatica e o gesto de força; a revolta e a luta dos povos; as surpresas das chancelarias e os desastres sangrentos das guerras; tudo, enfim, nós podemos orgulhar-nos de ter aqui registado, a tempo e com o relevo que merecia.

Não é um balanço que fazemos, nem são vanglorias que nos movem. É um prazer muito intimo — e, parece-nos que muito legitimo — que nos vai n' alma, neste dia de anniversario, por podermos constatar que servimos os leitores com a diligencia que lhes devemos.

E... prossigamos.

OURIVESARIA CASTELHANO

21, RUA EUGENIO SANTOS, 21
LISBOACompra e vende aos melhores preços:
Joias antigas e modernas ouro, platina e pratas

MOEDAS E NOTAS

DE TODAS AS NACIONALIDADES

LIBRAS E MOEDAS DE OURO

PANCADA, MORAES & C.^a

RUA AUGUSTA, 37 (esquina Rua São Julião)

OPERAÇÕES DE CAMBIO, CREDITO E BOLSA

A JUSTIÇA NA RUSSIA

A MORTE DE BUDKIEVICZ PROVOCA uma colossal manifestação EM VARSOVIA

VARSOVIA, 6

Realizou-se uma manifestação colossal, a que assistiram mais de cem mil manifestantes, a qual desfilou perante a delegação sovietica em sinal de protesto contra a condenação de mgr. Budkiewicz e apresentou ao sr. Sikorski, ministro dos Negocios Estrangeiros, uma resolução protestando contra a morte de mgr. Budkiewicz e pedindo ao governo que intervenha energicamente a favor dos prelados presos. O sr. Sikorski respondeu que o governo permanece firme quanto às promessas dos «soviets» e fará todo o possível por garantir a segurança dos polacos na Russia e na Ucrania, mas deve em todo o caso coordenar a sua acção com a de outros governos, sobretudo da Santa Sé. — (R.)

O Papa

e a noticia da execução

PARIS, 7

Informam de Roma que o Papa, ao receber a noticia da execução de mgr. Budkiewicz, chorou e ajoelhou em seguida para realizar uma oração pela alma do ultimo martyr cristão. Quando o papa foi visitado ao hospital na Polonia, salvou a vida de mgr. Rapp, que era acusado de identica ofensa, defendendo que este era membro da hierarquia da Igreja romana e, portanto, um subdito do Papa. — (R.)

A companhia José Ricardo no Apolo

Não tarda muito que no Apolo se festeje a 50.ª representação da encantadora peça «OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA», que, entretanto, continua a dar sucessivas encenações ao elegante teatro. Brazão, o glorioso actor, José Ricardo, o inconfundível artista, Maria Matos, com o seu talento, e Lida Sirlini, com as suas admiráveis qualidades de actriz distinctissima, são principalmente o alvo do publico nos aplausos, que lhes tributa com o maior entusiasmo. Hoje, no Apolo, repete-se «OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA».



Capitão de Mar e Guerra

Anibal dos Santos Dias

FALECEU

D. Elvira Xavier de Brito da Silva Dias, D. Maria Constança Teixeira Dias, D. Maria da Graça Teixeira Dias Fialho Barradas e seu marido Antonio Fialho Barradas (ausente), D. Maria Joaquina Teixeira Dias de Araújo e Costa Corrêa da Silva e seu marido José Valentiniano de Araújo e Costa Corrêa da Silva, Joaquim dos Santos Dias, participam às pessoas das suas relações que foi Deus servido chamar á sua divina presença o seu muito querido marido, pai e sogro e que o seu enterro terá lugar amanhã, domingo, pelas 11 da manhã, da sua residencia, na calçada da Maruja, 28, em Algés, para o seu jazigo no cemiterio dos Prazeres.

P. N. A. M.

6 HORAS
DA
TARDE

ULTIMAS NOTICIAS

6 HORAS
DA
TARDE

19 DE OUTUBRO

O JUIZ AUDITOR
DO
TRIBUNAL DA ARMADA
depoz hoje

A audiência reabriu às 12,30 horas. Depois o sr. dr. Teixeira Sampaio auditor do tribunal da armada, encarregado de fazer os sumários dos processos de 19 de outubro.

O dr. Gonçalves Cota:

—Como foram feitos os interrogatórios entre os reus Manuel José Carlos e a creada Clara da Silva?

—Nos termos da lei.

—O reu afirma ter sido, afirma ter sido, antes do reconhecimento, indicado particularmente a Clara da Silva...

—Não o sei. Lembro-me apenas de que, ao ser reconhecido, o reu em questão disse: Foi o dr. Alexandrino de Albuquerque que lh'o foi dizer.

—Supõe que o reu tivesse razão?

—Não sei. Não posso julgar mal do dr. Alexandrino...

A seguir depõe o capitão tenente sr. Artur Victor da Cunha Freitas promotor do tribunal da armada que descreve a forma como foram feitas as acareações.

O capitão de fragata sr. Pinheiro Silvano, defensor officioso do Tribunal da Armada, é interrogado pelo sr. Jaime Brasil:

—Tem conhecimento duma agressão de que foi vítima o Palmela Arrebeita?

—Eu vi que ele tinha uma equimose no olho esquerdo. Perguntei-lhe o que tinha sido aquilo e ele respondeu-me que fora vítima duma agressão.

O tenente-coronel sr. Macedo e Castro afirma que o réu José Carlos é um militar ponderado e tem a impressão de que ele é um bom homem.

O marinheiro José Marcelo, afirma que o réu José Carlos não fazia parte da «camionete».

Antonio Dimiz, diz que o José Carlos esteve em casa na noite trágica.

Horacio Pinto da Costa, 2.º sargento enfermeiro, depõe em seguida.

O dr. Cota:

—O senhor foi o enfermeiro que esteve no posto de socorros do Arsenal de Marinha, na noite trágica?

—Sim, senhor. O sr. capitão de fragata disse-me que arranjasse pensos para tratar dum ferimento ao sr. Cunha Leal.

O marinheiro Rosado Leonardo da Fonte.

O dr. Cota:

—Assistiu ao reconhecimento feito pela ama do menino do sr. Carlos da Maia, na pessoa do réu José Carlos?

—Assisti.

Escola Macedo Pinto

Foi nomeado professor da Escola Agrícola Macedo Pinto em Taboão, o sr. João Antonio Manoel Tação, regente agrícola, em Castelo de Vide.

Doenças da boca e dos maxilares
Extracção de dentes e raízes
com anestesia — Dentes artificiais

Em consulta especial para as classes menos abastadas a preços de políclínica às 10 horas no

Consultório do Dr. Ferreira Pires

R. Jardim do Regedor, 51, 1.º

EDEN-Teatro

2 Espectáculos 2 A's, 8 1/2 e 10 1/2

Exito nunca igualado da revista em 2 actos

CHA' E TORRADAS

Exito enorme dos 3 numeros dos duetistas

JERCOLIS

Preços: Camarotes 20\$00, Fautouils 4\$50, Fri-
zas 1\$500, Balção 5\$00, Promenoir 1\$20.

AVISO—Suspensas as entradas de favor.

A CARESTIA DA VIDA

O DECRETO
dos lucros ilícitos

E A ATITUDE DAS ASSOCIAÇÕES COMERCIAIS E INDUSTRIAIS

“Não ha razão para protestos”

diz-nos o ministro da Justiça

O sr. dr. Abranches Ferrão, ilustre professor, que sobraça a pasta da justiça, disse hoje ao jornalista o que pensa das disposições do novo decreto sobre lucros ilícitos.

—Penso aquilo que já se encontra consignado no relatório do mesmo decreto: é indispensável pôr um rígido entrave a inúmeros abusos que tendem a produzir e têm de facto produzido uma alta artificial nos preços. Foi isto, e nada mais, o que o governo pretendeu, com a publicação daquele decreto.

—Tal decreto, porém, não está sendo bem aceite pelas classes nele mais directamente visadas: os comerciantes e os industriais. Como se explica isso?

—De varios modos: por um lado, as disposições do decreto são sufficientemente energicas para, duma maneira geral, lançarem uma justificada e certa perturbação no meio em que terão de ser applicadas. Ha depois o vago receio de possíveis abusos por parte daqueles que serão os encarregados de lhe dar cumprimento. E ha ainda a pressão exercida por muitos que estão fartos de tripudiar sobre a miseria do povo e que se veem agora ameaçados de sanções graves. Talvez fosse mais razoavel que o comercio, antes de formular protestos intempestivos e que caiem terrivelmente mal na alma simplista do povo, aguardasse serenamente que o decreto dos lucros ilícitos começasse a ser executado, para apreciar depois os resultados dessa execução.

—E' razoavel...

—Sendo constantes e de dominio publico abusos de toda a ordem, por parte de muita gente que se dedica ao comercio e á industria, produzindo tais abusos uma funda irritação nos meios em que eles mais se fazem sentir, ha lá porventura o direito de os representantes do comercio ou da industria virem á estacada com protestos mais ou menos violentos, para se oporem á execução duma medida que o governo entendeu dever tomar para salvaguardar o interesse de todos e, inclusivamente, o dos proprios protestantes?

—E' talvez energica de mais...

—São tambem graves, e mais ainda do que muito boa gente pensa, os males a remediar. De resto, nos outros países têm sido publicadas disposições analogas ás do decreto a que me estou referindo. Têm sido publicadas e executadas. E é justo e necessario que assim seja.

—Pode apontar-me algumas das disposições do decreto dos lucros ilícitos que mais possam interessar a todos...

—Sim, senhor. Vou indicar-lhe algumas. Estão sujeitos á prisão e ao encerramento do estabelecimento aqueles que venderem artigos de primeira necessidade com um lucro ilquido superior a 10 %, tratando-se de vendas por grosso, e a 15 %, tratando-se de vendas a retalho; que inutilisarem ou occultarem artigos ou generos de primeira necessidade, com o fim de iludir o cumprimento das disposições do decreto; que encerrarem o estabelecimento com o exclusivo fim de deixar de vender ao publico generos de primeira necessidade ou propositadamente deixarem de fornecer-se de tais generos; que, por meio de telegramas, cartas, etc., tentarem ou conseguirem o encarceramento dos generos de primeira necessidade; que se servirem de instrumentos viciados para peso ou medida de quaesquer generos ou artigos.

—O magistrado instrutor...

—Reconhecendo que houve uma infracção, deverá desde logo, de forma sumaria e rapida, no seu despacho de indicição, mandar pela primeira vez encerrar o estabelecimento, e pela segunda, prender o arguido e encerrar o estabelecimento, remetendo immediatamente

o processo respectivo para o presidente do tribunal encarregado dos julgamentos. Pelo despacho de indicição, não poderá o arguido estar preso por mais de oito dias, nem o estabelecimento por mais de 16. O tribunal é que poderá depois condenar em penas mais graves, que poderão ir até dois anos de prisão e ao encerramento definitivo do estabelecimento.

—Ficam então os magistrados instrutores com importantissimos poderes?

—Ficam, na verdade. Mas creio que não seria facil reduzir-lhes sensivelmente tais poderes sem dessa forma se prejudicar ou mesmo inutilizar a sua função. Os magistrados escolhidos pelo governo para Lisboa e Porto são inteligentes, ponderados e energicos. Creio que dão todas as garantias dum bom desempenho dos seus logares.

—Na reunião de ante-onhem, no Ministerio da Justiça, tratou-se de alguma coisa de importante sobre o assunto?

—O sr. ministro da Agricultura quiz fazer mais uma vez a estabilidade de governo, sobre as disposições do decreto e maneira de se applicarem, promovendo aqui no meu ministerio uma reunião a que assistiram os magistrados instrutores nomeados para Lisboa e Porto. Nessa reunião, foram trocadas impressões sobre a orientação geral a seguir quanto á applicação das disposições de tal decreto. Não quero evidentemente o governo que, á sombra do decreto relativo a lucros ilícitos, se vomitem violencias de qualquer especie. Deseja, pelo contrario, que se proceda com criterio, com serenidade. Podem os commerciantes ou industriais que procuram honradamente, pelo seu trabalho honesto, ganhar o que legitimamente representa o resultado do seu labor, estar tranquilos. Para esses, claro, é que não foi feito o decreto. Quanto aos outros, áqueles que só procuram aproveitar-se da situação desgraçada que o país atravessa para mais desgraçada ainda á tornarem, todas as penalidades serão poucas. A esses applicar-se-hão, sem contemplanções, as severas sanções do decreto.

—Parece que o melhor, portanto, será que todos, commerciantes e publico, aguardem serenamente os resultados da sua execução...

—Evidentemente. Ver-se-ha, em face de tais resultados, se ha ou não lugar para justas reclamações. Querera, porventura, a classe comercial collocar-se ao lado daquelles que a deshonram roubando escandalosamente o publico? E' claro que não. Pois, se se provar que são apenas esses os atingidos pelos rigores da lei, a que proposito virão quaesquer reclamações? Se até agora ainda o decreto se não começou a applicar, a que proposito vêm os protestos das associações commerciaes?

—Não contém, porém, o decreto disposições de tal forma draconianas que legitimem os protestos á feitos e os outros cabçados?

—Comprende que se não cortam abusos graves, que se não remedeia uma situação que pode acarretar para todos grossos diasabores, apenas com palavras ou artigos sem significação de maior.

As disposições do decreto são evidentemente energicas, mas nada nele se encontra que represente um atropelo de principios basilares de direito. A sociedade defende-se, eis tudo, mas dentro das normas proprias dum povo civilizado.

CONFERENCIA

O sr. ministro da Inglaterra conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio.

UM CONFLITO

OS FUNDADORES
DO
PARTIDO COMUNISTA
irradiados

O *Diario de Lisboa* publicou ha dias uma conversa com alguns elementos comunistas, onde se affirmava que as mais importantes figuras do seu partido não obedeciam ao Comité Central ultimamente eleito.

E citavam-se os nomes de José Carlos Rates, João Nascimento Cunha, Antonio Manuel Peixe e José Maria Gonçalves.

Em presença disto, o Comité Central endereçou uma carta a cada um dos mencionados militantes, convidando-os a declararem por escrito que não perfilhavam as afirmações feitas na referida entrevista.

Como, porém, as referidas afirmações eram por elles perfilhadas, nenhum respondeu ao convite.

O resultado foi ser hoje publicada na *Batalha* uma nota do Comité Central, onde, entre outras se fazem as seguintes afirmações: «que é bem manifesto o papel de alguns desses individuos na constituição de um novo Partido, obra só de traição revolucionaria aos interesses da classe trabalhadora; que, após os compromissos livremente assumidos na Conferencia Portuguesa de Militantes Comunistas, os que a eles por tal forma faltam só podem ser tomados como vendidos á burguesia e suas instituições de reacção (Franco Maganaria, etc.) cujos interesses conscientemente assim servem e que a attitude de agora de tais criaturas, não é mais do que a continuação logica da sua pernicioso acção de sempre adentro das fileiras comunistas.»

A referida nota conclui por declarar excluidos do partido os comunistas acima indicados que foram os fundadores da organização comunista portuguesa. Já ao fundador da Republica aconteceu o mesmo; não houve nada que os que vieram depois dele lhe não fizessem: até roubar-lhe a liberdade, o direito de se dizer republicano—e, por fim, a propria vida...

Dos militantes comunistas «irradiados» só conseguimos encontrar hoje Nascimento Cunha:

—Isso tudo faz nojo...

—E o que tencionam fazer?

—Não ligamos importancia á nota vinda nos jornais. Se nós não reconhecemos o «comité». Continuamos a trabalhar no Centro Comunista.

E, a despedir-se:

—O que tem mais graça é nós sermos acusados de «vendidos á burguesia»...

DE LUTO

Eduardo Inacio Duarte

Na casa da sua residencia, na calçada do Combro, 38-A, 3.ª porta n.º 5, faleceu hoje, pelas 14 horas o nosso amigo sr. Eduardo Inacio Duarte, estimado sub-chefe da tipografia do *Diario de Lisboa*.

Eduardo Duarte que era um excelente camarada e amigo, trabalhou em quasi todos os jornais de Lisboa.

Finha 51 anos de idade e ha perto dum ano que se encontrava doente.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 15 horas para o cemiterio da Ajuda.

O *Diario de Lisboa* apresenta a toda a familia os seus mais sentidos pesames.

Dr. Antonio Carneiro de Oliveira Pacheco

Em Santo Tiraz, faleceu o sr. dr. Antonio Carneiro de Oliveira Pacheco, advogado illustre e antigo deputado.

O extinto era pai dos srs. drs. Antonio Carneiro Pacheco, lente da Faculdade de Direito de Lisboa e Mario Carneiro Pacheco, official do Registo Civil, e do sr. Augusto Carneiro Pacheco, socio da casa Sotto Mayor, do Rio de Janeiro.

O *Diario de Lisboa* apresenta á illustre familia enlutada as suas mais sentidas condolencias.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SEculo, 140